A CASA TOMBADA

FACONNECT – FACULDADE CONECTADA

PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU "O LIVRO PARA A INFÂNCIA:
PROCESSOS CONTEMPORÂNEOS DE CRIAÇÃO, CIRCULAÇÃO E MEDIAÇÃO"

DE QUEM É A CULPA?:

Livro ilustrado e temas sensíveis – desafios e possibilidades

PATRÍCIA SOUZA DÓRIA DE VASCONCELLOS

SÃO PAULO - SP

2025

PATRÍCIA SOUZA DÓRIA DE VASCONCELLOS

DE QUEM É A CULPA?:

Livro ilustrado e temas sensíveis – desafios e possibilidades

Trabalho de conclusão de curso apresentado à A Casa Tombada, como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de especialista em Pós-Graduação Lato Sensu – O Livro para a Infância: Processos contemporâneos de criação, circulação e mediação, sob orientação da Prof.ª Ananda Luz

SÃO PAULO
2025

RESUMO

Este trabalho apresenta possibilidades de reflexão sobre o processo de criação, mediação e circulação da obra DE QUEM É A CULPA?, com construção narrativa de Patrícia Vasconcellos, narrativa imagética de Eduardo Souza e projeto gráfico de Gabriela Araujo, publicado pela Pó de Estrelas (em 2022), enfatizando suas peculiaridades de composição (livro ilustrado, livro imagem, HQ) e sua temática sensível.

O trabalho aqui apresentado tem o recorte de relato de experiência pessoal e ensaio. Da experiência pessoal veio a ideia da história, pois conheci uma criança, um menino, J. (preservarei seu anonimato), de 8 (oito) anos, cheirando cola na rua. Estabelecemos um vínculo de afeto e seguimos juntos na jornada da vida, ambos testemunhando os desafios enfrentados. Vi-o envolver-se com a criminalidade e sofrer as consequências de seus caminhos. Saiu do lugar de "criança com possibilidades de futuros" para o lugar social de "bandido bom é bandido morto". O ensaio surge aqui quando trago reflexões sobre as responsabilidades sociais desse percurso e, também, quando abordo os processos de criação, mediação, circulação de uma obra literária que aborda um tema tão sensível e fraturante, como a obra aqui apresentada e que foi inspirada na trajetória do meu amigo. A história apresentada na obra DE QUEM É A CULPA? incomoda, questiona, mexe com razão e emoção, pois, ao mesmo tempo que coloca o dedo na ferida social do "bandido bom é bandido morto", faz-nos refletir sobre possibilidades de ação para que trajetórias como essa não mais se repitam. A temática é sensível e deve ser mediada com cuidado e sensibilidade. As materialidades do livro ilustrado e a estrutura de HQ estão presentes em todo o projeto do objeto livro. É uma obra que futuca e deixa o coração apertado.

PALAVRAS-CHAVES

livro ilustrado; temas sensíveis; violência; drogas; infância; juventude; sociedade

Para todas as crianças que tiveram suas infâncias roubadas,
meu pedido de perdão.

Sumário

INTRODUÇÃO 6

CRIAÇÃO 9

PROCESSOS CRIATIVOS 9

LIVRO ILUSTRADO 25

MEDIAÇÃO 30

CIRCULAÇÃO 32

CONCLUSÕES 34

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 36

LIVRO ILUSTRADO - ONDE E COM QUEM APRENDI 37

INDICAÇÕES DE LIVROS PARA AMPLIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA 39

WEBLIOGRAFIA 40

FILMOGRAFIA 41

BIBLIOGRAFIA COMENTADA 41

ANEXOS 43

ANEXO 1 – MEDIAÇÃO DE LEITURA 44

CONVERSA COM O(A) PROFESSOR(A) 45

QUEM ESCREVEU E ILUSTROU 46

CONTEXTO DE PRODUÇÃO DA OBRA 46

CONTEXTO DE RECEPÇÃO DA OBRA 47

NATUREZA ARTÍSTICA DA OBRA 48

PROPOSTAS DE ATIVIDADES: Língua Portuguesa 49

ARTICULAÇÃO ENTRE DISCIPLINAS: habilidades e competências em projetos de trabalho transdisciplinares (PTT) 53

ANEXO 2 – RECURSO 57

Texto produzido pelos autores da Obra DE QUEM É A CULPA? para o recurso no PNLD 2024 58

ANEXO 3 – RESENHA AFETIVA 65

Patrícia Vasconcellos – Resenha afetiva 66

INTRODUÇÃO

Nasci em Recife, no nordeste brasileiro, filha de pais pernambucanos que tiveram origem em territórios distintos. Meu pai nasceu junto ao mar, em Olinda. Minha mãe conheceu seu primeiro mundo nas matas e águas de Lagoa dos Gatos. Essas origens interferiram muito na minha formação, pois cresci ouvindo histórias e causos de lá e de cá. Recife, Olinda, Lagoa dos Gatos são municípios do estado de Pernambuco, estado localizado no Nordeste do Brasil. Por aqui, afetuosamente chamamos "Pernambuco, meu país" e contamos a história que os rios Capibaribe e Beberibe, ambos localizados em nosso estado, juntam-se e formam o Oceano Atlântico. Conto esse causo para partilhar o meu orgulho de ser nordestina e de fazer Literatura a partir desse território, rico em belezas geográficas e culturais: Pernambuco falando para o mundo.

Desde que me entendo por gente amo histórias e livros. Ainda criança me perdia e me achava em bibliotecas, livrarias e bancas de revista. Meus recreios eram deliciosos entre os livros na biblioteca da escola e os meus caderninhos de escrita.

Foi um longo percurso até me ter como escritora. Na vida escolar, as boas notas sinalizavam para o caminho da ciência e não tive acolhimento para me assumir como artista. Passei pela Ciência da Computação, pela Psicologia e cheguei na Literatura. Fiz graduações, especializações, mestrado e hoje estou em um doutorado.

Quando surgiu a Turma 06 da A Casa Tombada fiz minha inscrição, passei pelo processo de seleção e estava pronta para começar. Mas era presencial, um final de semana por mês, e fiquei com receio dos preços das passagens de avião. Recuei. E guardei esse desejo no coração. O mundo girou e estou na Turma 10. Não pude cursar com a qualidade que queria, pois ando completamente imersa no mundo dos livros, sendo escritora, editora, livreira, promotora cultural, e as atividades em todas essas funções seguem me roubando de mim.

Durante o vácuo da Turma 06 para a Turma 10, encontrei-em com vários livros, tive muitas conversas, fiz livros e participei de vários cursos, tudo sobre o livro ilustrado. Na A Casa Tombada fiz cursos com Cris e seus convidados. No curso com Carolina Moreyra, trabalhei meu texto sobre a experiência com meu amigo J. (será preservado seu anonimato aqui), uma criança, um menino, de 8 (oito) anos, que encontrei cheirando cola na rua. Estabelecemos um vínculo de afeto e seguimos juntos na jornada da vida, ambos testemunhando os desafios enfrentados. Vi-o envolver-se com a criminalidade e

sofrer as consequências de seus caminhos. Saiu do lugar de "criança com possibilidades de futuros" para o lugar social de "bandido bom é bandido morto". E pensei que seria muito importante provocar reflexões sobre as responsabilidades sociais do percurso dele através de uma obra literária que abordasse um tema tão sensível e fraturante. Eram algumas páginas, depois viraram um roteiro com algumas imagens, e, por fim, tivemos uma história apresentada só com imagens, em um misto de HQ e livro ilustrado, em parceria com Eduardo Souza e Gabriela Araujo. Foi um longo processo. Chegamos a DE QUEM É A CULPA?, publicado pela editora Pó de Estrelas (com sede no estado de Pernambuco), em 2022.

A estrutura de HQ se apresenta na obra através da narração da história através de quadros sucessivos de imagens – neste caso não há texto – com enquadres que também compõem a forma de contar, de mostrar o que vai acontecendo. Ora vemos a cena de um ângulo que nos dá uma ideia do todo, ora chegamos bem perto do rosto dos personagens para percebermos melhor suas emoções. Eduardo Souza aprofundou seus conhecimentos em HQ para construir a narrativa atento às características desse gênero textual.

O conceito de livro ilustrado, algo ainda discutido como uma possível linguagem, manifesta-se na obra em toda sua concepção: todas as materialidades do livro contam a história, as imagens dizem o que o texto narrativo, gerador da narrativa visual, insinua, há técnicas específicas de ilustração que representam passagem de tempo, o ritmo do passar das páginas também conta o que foi, o que é, o que será, e a história se completa com o encontro com o(a) leitor(a), a partir de seu repertório e de suas experiências de vida. Saliento aqui que a história se completa no encontro com o leitor/a leitora não apenas no livro ilustrado, pois essa é uma característica da Literatura, enquanto expressão artística. No livro ilustrado esse encontro é potencializado, pela estrutura da obra, possibilitando várias camadas de leitura, significados e interpretações.

O livro é forte, mexe, futuca, coloca o dedo na ferida. O que acontece na vida de uma criança para que chegue ao lugar social de "bandido"? Apresentamos, mostramos, através de imagens, uma das possibilidades dessa jornada. Tem inspiração na vida real, tem atravessamentos ficcionais, tem intertextualidades, tem materialidades do livro ilustrado.

Livro pronto e seguimos para o ciclo mediação-circulação. Livrarias, escolas, editais, congressos, universidades. Foi difícil. Críticas literárias maravilhosas, recepção leitora ao lado da angústia do tema – não é fácil trazer para a Literatura temas sensíveis e

fraturantes – escolas preocupadas com a reação dos pais, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e seu artigo 79[1] e o livro com pedras em seu caminho.

Resolvi, então, que seria muito importante a partilha de todo esse processo e que o espaço/tempo da A Casa Tombada poderia ser seu lugar de acolhida, possibilitando a divulgação dessas reflexões para pessoas que têm vez e voz no mundo dos livros.

Organizei, então, um roteiro para esse meu Era uma vez...

Quero mostrar o processo de criação – do tema ao livro ilustrado -, depois apresentar algumas situações de mediação com o livro e os desafios para sua circulação. Encerro com meus aprendizados nesse caminhar e apresento referências bibliográficas – em livros e mídias digitais - e alguns ANEXOS que podem facilitar uma leitura aprofundada e uma maior compreensão do percurso.

Já escrevi sobre o livro em outras oportunidades e alguns trechos aqui se repetem. A autoria é única, os contextos e os tempos e os lugares é que se modificam e me levam a novas conexões e articulações.

[1] As revistas e publicações destinadas ao público infanto-juvenil não poderão conter ilustrações, fotografias, legendas, crônicas ou anúncios de bebidas alcoólicas, tabaco, armas e munições, e deverão respeitar os valores éticos e sociais da pessoa e da família.

CRIAÇÃO

PROCESSOS CRIATIVOS

Fazer esse livro foi uma das coisas mais difíceis para mim. É baseado em uma história real, com uma criança (com 8 anos) que conheci cheirando cola na rua, de quem fiquei amiga e com quem tenho um relacionamento até hoje, ele já com quase 40 anos. Durante esses anos de convivência participamos muito da vida um do outro. Ele observava e cuidava dos meus filhos quando estavam nas ruas perto da minha casa, almoçava comumente em minha casa junto com seus amigos, sabíamos da vida um do outro. Dava-me carinho nos meus momentos de turbulência, foi ao enterro de minha mãe. Ligava-me das delegacias, das prisões. Contou com meu apoio quando sua mãe faleceu, quando seu pai faleceu. Fui com ele tirar seus documentos: identidade, CPF, reservista, título de eleitor, carteira de trabalho, lá nos seus 18 anos e agora, quando saiu da cadeia sendo um homem livre. Foi bonito testemunhar seu orgulho ao me mostrar seu comprovante de votação na última eleição: “Agora sou um cidadão.”.

Queria contar sua história, queria que as pessoas compreendessem a subjetividade sendo constituída na criança que vai enfrentando dores e desafios e, aos poucos, transforma-se no que socialmente se conhece como bandido. Violência na família, violência na comunidade. Exclusão, escassez, abandono. A dor terá que sair. A forma? Muitas vezes, a violência.

Apresento o primeiro texto que escrevi contando a história de J., nome do meu amigo, pois irei preservar sua identidade. Em seguida, apresento o segundo texto que foi refeito, virou roteiro, a partir da minha participação numa oficina de livro ilustrado, com Carolina Moreyra[2].

2 Oficina de Escrita para o Livro Ilustrado / Local: (EAD) Lugar de Ler

Ministrado: Carolina Moreyra em Abril/Maio/2020

E Deus disse:

- Vai J, ser anjo na vida.

E lá veio J para a Terra.

Sua mãe ficou muito feliz com a novidade. J começou a morar na sua barriga e os dias eram doces e as noites eram serenas.

Mas as coisas começaram a ficar difíceis. O pai de J bebia muito e, quando isso acontecia, ele ficava violento. Era militar, tinha botinas grandes que machucavam a barriga de sua mãe quando tentava chutar a mãe e machucar o filho. Sua mãe protegia a barriga com as mãos e J ficava tão triste quanto ela.

Nasceu, cresceu um pouco, sempre vítima da violência da bebedeira do pai. Às vezes, chutes; outras, cinturão que lhe marcava as costas. Sua mãe quase nunca conseguia evitar os espancamentos. O pai gastava todo o dinheiro com bebida. Fome e escassez habitavam a casa e J se sentia muito só, abandonado à própria sina.

J resolveu que as ruas seriam um lugar mais seguro. Lá não receberia surras e seria livre.

Não aconteceu como imaginava. Fome, chuva, exclusão. Cada um por si. Abrigo sob papelão, tijolo como sabonete no banho do lago da praça. Tantos NÃO!

A violência chegou novamente. Agora era da polícia. Precisava fugir da dor, do medo, da fome. Começou a cheirar cola. Sem dinheiro, sem carinho, sem cuidados, o roubo foi a saída. Faca, revólver, assaltos, assassinato; menino de rua, traficante. Bandido!

A solidão continuava. Saudades do futuro que não teve. Queria tanto um lar, uma família.

Encontrou uma companheira para chamar de sua, transformou, com suas próprias mãos, um barraco em sua casa. O tráfico era seu trabalho. Foi pego, as pessoas na rua vibraram com suas mãos algemadas e seu corpo deitado no chão, sob botinas – agora as dos policiais.

Anos na cadeia, muita tortura e cerveja preta. Chegou o dia da saída com tornozeleira. Pensou que poderia recomeçar. Casa, lar, companheira, família. Sua mulher engravidou e viveram um tempo de paz. Chegou o primeiro choro, muitos sorrisos. Agora tinha sua família. Com sua filha nos braços, presencia sua mulher passar mal e sem socorro médico imediato. Ela morre. Ele e sua filha teriam que inventar um outro futuro.

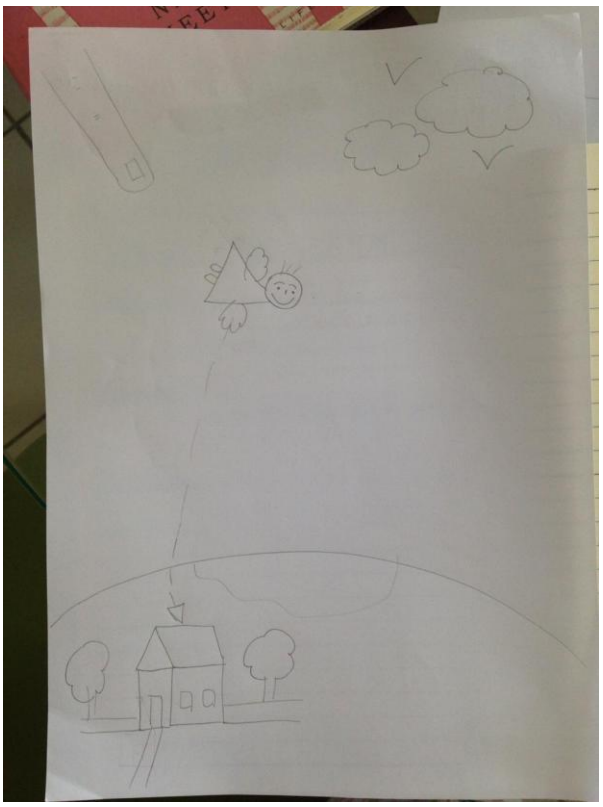
No barraco, filha no berço, urra de dor.

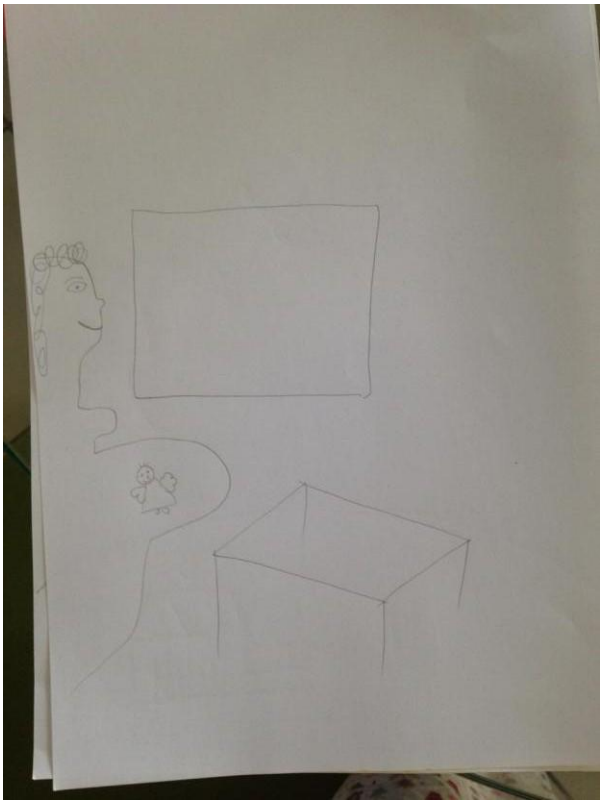
- Por que me abandonaste?

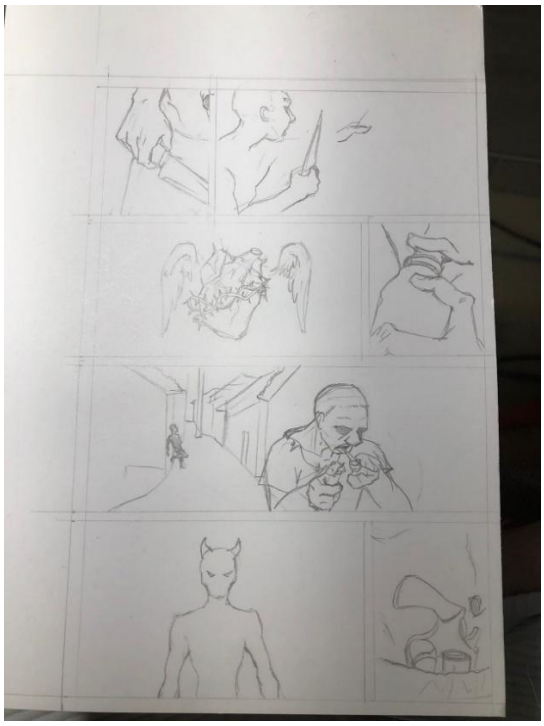
1. Mãos em concha (de Deus) soltam, suavemente, um bebê com asas nas costas. O bebê sorri. Céu estrelado. Planeta Terra (embaixo da página).
2. Mãe grávida, sorriso no rosto, mãos pousadas na barriga. Vê-se o bebê-anjo (com asas) sorrindo na barriga da mãe. Mãe olhando pela janela. Vista do morro. Casa com objetos simples.
3. Pai fardado chega em casa bêbado. Garrafa na mão, rosto de raiva. Mãe acuada num canto, com cara de pavor.
4. Botina do pai chutando a barriga da mãe que tenta proteger o bebê-anjo com as mãos. Mãe chora. Bebê-anjo assustado.
5. Mãe sentada na cadeira de balanço amamentando seu bebê-anjo. Trocam olhares de ternura.
6. Pai fardado chega bêbado, gritando com a mãe. Mãe chora. Protege o bebê-anjo com seu próprio corpo. Bebê-anjo assustado. Suas asas começam a diminuir de tamanho.
7. Pai fardado bêbado espanca a criança-anjo com cinturão. Casa sem comida, móveis velhos, sujeira. Criança-anjo se protege com as mãos. Asas diminuem.
8. Casa com a porta aberta, criança-anjo indo para a rua. Casa no alto do morro. Criança-anjo indo na direção de descer a ladeira.
9. Criança-ano na rua admirando outras crianças com seus pais, outras comendo. Essas crianças sorriem. Criança-anjo tem um olhar de “quero também”.
10. Lanchonete. (Não!) Adultos olhando desconfiados e segurando a bolsa. (Não!) Escola com portões fechados. (Não!) Criança-anjo com olhar de medo. Asas diminuem.
11. Criança-anjo toma banho com pedaço de tijolo no lago da praça. Come manga caída do chão (chupa o caroço). Protege-se da chuva sob o papelão. Esconde-se da polícia atrás do lixeiro. Asas diminuem e já é um adolescente-anjo.
12. Adolescente-anjo, sem as asas nas costas e com asas no coração, cheira cola, sentado num monte de areia, contemplando o céu estrelado (igual ao do dia em que veio morar na barriga da mãe).
13. Rouba bolsa de uma mulher com uma faca. Cheira cola. Asas no coração. Chifres e rabo começam a aparecer.
14. Trafica drogas nos becos. Revólver na cintura. Asas no coração. Chifres e rabo maiores. Já é um homem-anjo.
15. Encontra alguém para dividir a vida. Olhar apaixonado. Asas no coração. Revólver na cintura. Rabo e chifres maiores.
16. Constrói o barraco para sua família com as próprias mãos. Mulher ao lado ajudando na obra. Asas no coração, revólver na cintura, rabo e chifres. Drogas num canto da casa. Árvore pequena ao lado do barraco. (*marcação de tempo*)
17. Polícia faz batida, encontra as drogas, a arma. Sai algemado, cabeça baixa, mulher chorando na janela do barraco. Vizinhos apontando os dedos. Asas no coração, chifres e rabo.
18. Na cela, através da janela com grades, olha para o céu estrelado (igual ao do dia em que veio morar na barriga da mãe). Lágrimas escorrem por sua face. Chifres na cabeça. No fundo da cela, mais homens com chifres e rabos.
19. Página dupla, céu estrelado. *(passagem do tempo, ritmo)*

20. Sai da cadeia com tornozeleira. Rosto barbado, chifres e rabo enormes. Asas bem pequenas no coração. Botina bem grande do policial que abre o portão da cadeia.
21. Sua mulher o abraça na porta de casa. Asas do coração aumentam de tamanho. Árvore grande ao lado do barraco. (*marcação de tempo*)
22. Sua mulher está grávida e em sua barriga um anjo-bebê com asas. Ele se senta ao chão (com chifres e rabo e asas grandes no coração) e encosta a cabeça na barriga da mulher. Os chifres e o rabo diminuem.
23. Vão para a maternidade, bebê-anjo nasce (asas no bebê). Nele, asas no coração, rabo e chifres pequenos. Começam a renascer as asas das costas. Afeto. Ternura.
24. Mulher passa mal. Falha médica. Socorro médico. Morre.
25. Fica com seu bebê-anjo (com asas) nos braços. Suas asas nas costas encolhem. Seu coração sangra. Chifres e rabo reaparecem.
26. Deixa seu bebê-anjo (com asas) no berço do seu barraco. Urra de dor olhando para o céu estrelado. (igual ao do dia em que veio morar na barriga da mãe) Asas no coração, sem asas nas costas, chifres e rabo bem grandes.
27. Coloca arma na cintura e sai, deixando para trás seu barraco, descendo, mais uma vez, a ladeira.
28. Tenta assaltar a Lanchonete da infância. Polícia chega. Mata-o. Corpo estendido no chão (asas no coração, chifres e rabo no corpo). Botina de policial. Mãos, sujas de sangue, apontam para o corpo no chão.
29. Bebê-anjo-filho (com asas) no berço do barraco no morro. Corpo (chifres e rabo) estendido no chão. Céu estrelado. (igual ao do dia em que veio morar na barriga da mãe) Alma-anjo, com asas nas costas, subindo em direção ao céu estrelado.
30. Mãos em concha (de Deus) recebem, amorosamente, o exausto homem-anjo (com asas nas costas). Céu estrelado. (igual ao do dia em que veio morar na barriga da mãe). Planeta Terra embaixo na página.

Fiz a opção por um livro só com imagens. Iniciei o processo de criação e convidei Eduardo Souza para fazer as ilustrações e Gabriela Araujo a diagramação.









Para o ilustrador, o processo de criação foi doloroso, pois a temática da narrativa responsabiliza cada pessoa socialmente com o drama pessoal vivido por J. e Eduardo se viu implicado nisso. Além de investir na busca de possibilidades de técnicas visuais, fazendo estudos com livros ilustrados e Histórias em Quadrinhos (HQ), houve as dificuldades com o tema. Só conseguia criar ouvindo o Racionais MC's, grupo brasileiro de rap fundado em 1988 na cidade de São Paulo, localizada no estado de São Paulo, localizado no sudeste do Brasil.

Jorge da Capadócia
Racionais Mc's
Sobrevivendo no Inferno

Jorge sentou praça
na cavalaria
E eu estou feliz porque eu também
sou da sua companhia.

Eu estou vestido com as roupas
e as armas de Jorge.
Para que meus inimigos tenham pés
e não me alcancem.
Para que meus inimigos tenham mãos
e não me toquem.
Para que meus inimigos tenham olhos
e não me vejam.
E nem mesmo em pensamento eles possam ter
para me fazerem mal.

Armas de fogo
meu corpo não alcançarão
Facas e espadas se quebrem
sem o meu corpo tocar.
Cordas e correntes arrebentem
sem o meu corpo amarrar.

Pois eu estou vestido com as roupas
e as armas de Jorge.

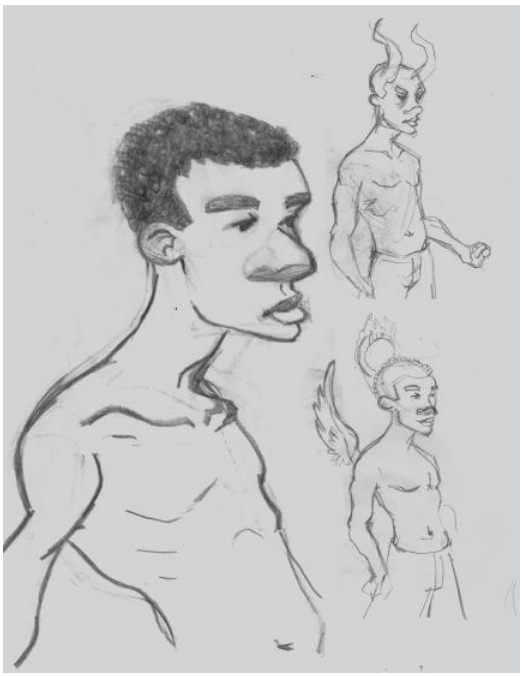
Jorge é de Capadócia
Salve Jorge!
Salve Jorge!

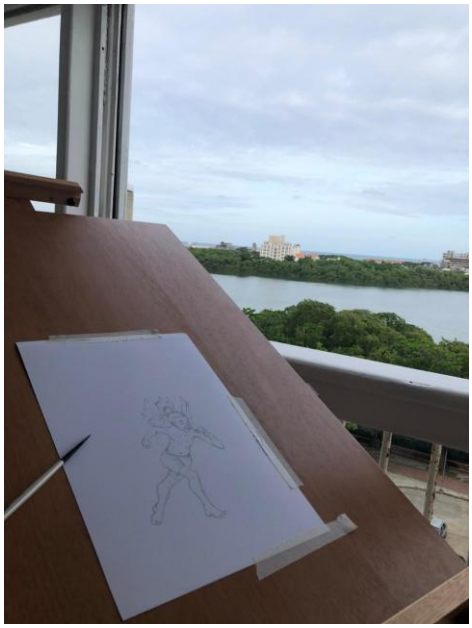
Jorge é de Capadócia
Salve Jorge!
Salve Jorge!

O argumento e o roteiro na transposição para a narrativa visual.



Processo de construção do personagem a partir da relação com os arquétipos do Anjo (Bem) e do Diabo (Mal).





Aqui o link para o vídeo em que Eduardo cria as imagens:
https://drive.google.com/file/d/1uaZE6zZrZwd3K6AvNEee1SbIwG7cXu-_/view?usp=sharing

Então, no livro ilustrado, texto e imagens, juntos, apresentam a narrativa ao leitor/à leitora, onde cada um(a) vai ter seu próprio percurso de leitura, a partir de seus referenciais e repertórios anteriores. Além da narrativa ser apresentada através do texto e das imagens, no livro ilustrado ela também acontece nas materialidades do objeto livro: tamanho, forma, papel, capa, última capa, folha de guarda, projeto gráfico, tudo tem a intenção de narrar, de mostrar. É muito comum que na primeira leitura a pessoa que tem o livro ilustrado entre as mãos não identificar todas as camadas narrativas ao passar suas páginas e perceber detalhes, sutilezas em leituras subsequentes.

Não consigo identificar exatamente onde/quando aprendi sobre o livro ilustrado. Sou leitora voraz desde a infância e meus percursos pessoal-profissional-artístico me proporcionaram encontros com livros literários, livros teóricos, conversas, cursos e fui me constituindo amálgama no tema livro ilustrado. Trabalhamos com esse conceito desde 2018, na construção do livro MALA QUADRADA, CABEÇA QUADRADA, junto com Eduardo Souza e Gabriela Araujo. Mostramos o boneco para Odilon Moraes no primeiro curso que fizemos com ele, promovido pelo Lindeza, empresa pernambucana que promoveu o curso em Recife/PE, que tem como lema “fazer sentir mais que pensar”, e ele sugeriu uma alteração no final do livro e fiquei muito

incomodada. Odilon ficou hospedado em nossa casa e conversamos muito sobre livros ilustrados. Nessas conversas ele pontuou que sabia do meu incômodo, pois sua sugestão abordava diretamente o motivo pelo qual eu tinha escrito o livro, mas seria importante que cada leitor(a) tivesse a oportunidade de ter seus próprios motivos. Concordei, alteramos e publicamos. Trago aqui o relato da hospedagem de Odilon Moraes em minha casa para pontuar que nossas trocas não ficaram restritas ao tempo/espaço do curso, mas transbordou para espaços informais e de intimidade e conseguimos aprofundar o tema "livro ilustrado". O incômodo que ele me provocou foi que a última frase do livro era "No lugar de cientista virei foi artista." e ele pontuava que essa teria sido a minha transformação, o meu processo singular, mas que outras pessoas teriam possibilidades diversas e sugeria que a frase fosse "seguir o coração, que de quadrado não tem é nada.". Seguimos sua sugestão. O livro se tornou uma referência em estudos sobre livros ilustrados, sendo citado e apresentado em cursos, congressos e seminários que abordam o tema das materialidades do livro ilustrado, tendo sido premiado no Brasil Design e atravessado os limites do Brasil e circulado em terras distantes. Uma história realizada e não imaginada no momento de sua criação (para conhecer mais um pouco sobre a obra https://www.youtube.com/watch?v=JbmdqHqDE_g). Vieram as referências bibliográficas teóricas, as aquisições de livros ilustrados literários para ampliação de repertório, e vivi uma verdadeira imersão, ou, talvez uma história de amor. Chegaram alguns cursos menores, oficinas e meus estudos seguiram na especialização em Literatura Infantil e Juvenil. Deparei-me com essa especialização e acredito que aqui tive a oportunidade de sintetizar o já vivido em uma linda colcha de retalhos ou em uma linda tapeçaria com bordados de linhas de todas as cores, linhas essas que vieram da coordenação, dos professores, dos colegas, das leituras, das indicações de novos livros, enfim, da experiência. E sigo agora para levar essa discussão para o universo da tecnologia e dos algoritmos/bancos de dados que na representação social se chama de inteligência artificial, em programa de Doutorado no CIN (Centro de Informática) da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco), pois não concebo como possível um processo de criação literária não ser atravessado pela subjetividade de seus autores.

Eis os nossos depoimentos sobre o processo criativo e a finalização da obra:

> **Patrícia Vasconcellos**
>
> Essa história é inspirada em uma verdade verdadeira. Conheci, há muitos e

muitos anos, uma criança linda que vivia pelas ruas do meu bairro. Ficamos amigos e é uma das pessoas que mais amo. Sua jornada não foi fácil, assim como a de muitos de seus amigos e amigas, companheiros de impossibilidades e aventuras. Conhecer os fatos que aconteceram com cada uma dessas crianças, acompanhar seus dias pelas ruas, saber do que ocorria nas noites ao relento, ouvir suas risadas, escutar seus sonhos, sentir seus medos, fizeram com que em mim não existisse espaço para julgamentos. Surgia-me a pergunta:

— O que acontece na vida de uma pessoa para que do lugar social de "criança cheia de esperança para um futuro feliz" chegue ao lugar social de "bandido bom é bandido morto"?

E, ao enlutar-me com eles quando mais um sucumbia no chão, questionava-me:

— De quem é a culpa?

Testemunhei que toda a sociedade tem as mãos sujas de sangue quando o sangue escorre por uma arma disparada. Podemos mudar isso?

Então resolvi contar essa história para futucar pessoas e, quem sabe, provocar uma ressignificação da coexistência do Bem e do Mal.

Para todas as crianças que tiveram suas infâncias roubadas, meu pedido de perdão.

Eduardo Souza

Realizar essa narrativa visual não seria possível sem um ritual de proteção. Todas as vezes em que fui trabalhar nessa história, ouvi o álbum *Sobrevivendo no inferno*, do *Racionais MC's*, lançado em 1997. Esse disco é tido como um marco na história do rap nacional, mas exerce um impacto muito maior na cultura e intelectualidade nacional.

Ao longo do processo, eu fui vendo cada vez mais semelhanças entre o que os Racionais narravam nas músicas e a história que Patrícia havia me apresentado. Não por acaso, *Sobrevivendo no inferno* é uma obra-prima: ela marcou profundamente a realidade do nosso país e conseguiu universalizar experiências particulares.

Infelizmente, essa realidade permanece atual – e mais urgente que nunca. As imagens de anjos e demônios só refletem as naturezas que todos temos dentro de nós – mas a nossa realidade social é construída para fortalecer apenas os

demônios, nos deixando cada vez mais sem saída e desesperados para sobreviver nesse inferno.

Se esse trabalho nessa história em quadrinhos puder servir para, juntos, mudarmos essa realidade, então a arte serviu ao seu maior propósito.

Surgiu DE QUEM É A CULPA?, de Patrícia Vasconcellos (texto/roteiro) e Eduardo Souza (ilustrações), com a diagramação de Gabriela Araujo.

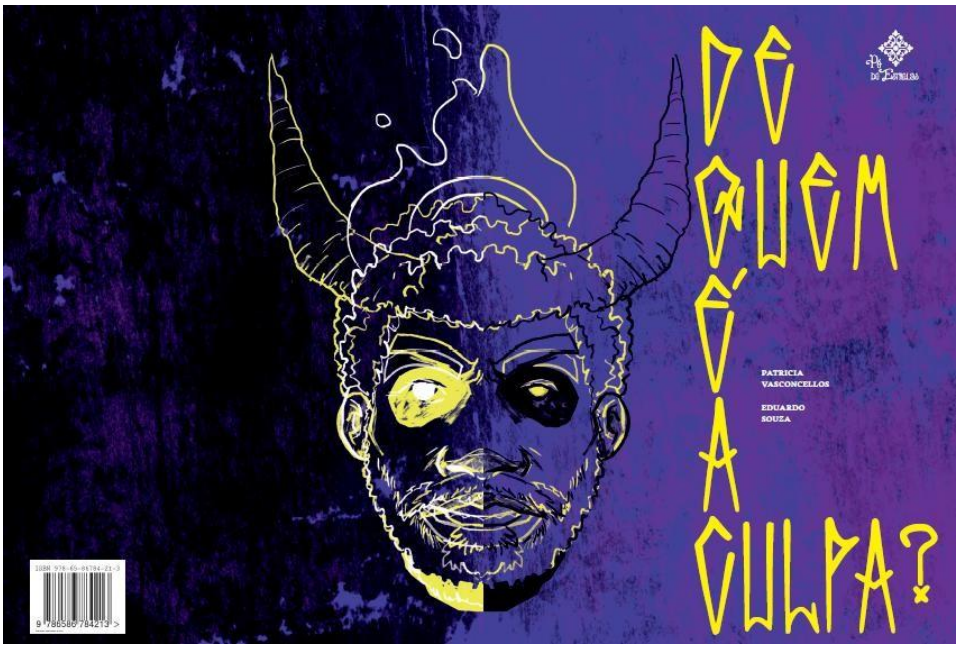


Imagem da capa e quarta capa do livro DE QUEM É A CULPA?

Quando fizemos o livro, falamos sobre a obra, colocando elementos paratextuais, para que quem o lesse compreendesse melhor o contexto e de qual lugar de fala estávamos nos posicionando enquanto autores:

A história apresentada na obra DE QUEM É A CULPA? incomoda, questiona, mexe com razão e emoção, pois, ao mesmo tempo que coloca o dedo na ferida social do "bandido bom é bandido morto[3]", faz-nos refletir sobre possibilidades de ação para que trajetórias como essa não mais se repitam.

Patrícia Vasconcellos construiu argumento e roteiro a partir de uma história real, inspirada em alguém com quem conviveu, trazendo toda a afetividade dessa relação, fugindo das formas mais tradicionais de abordagem da temática com dados e informações jurídicos e sociais. A temática é social, sim, mas aqui está apresentada na unicidade de uma pessoa, ainda que sem nome. [4]Não cabem na construção da narrativa significantes como "o elemento", "o meliante", "o bandido". A autora nos apresenta o bebê no útero, o recém-nascido, a criança, o jovem, o adulto, o marido, o pai, o filho. E nesse percurso a construção de sua subjetividade, as dores, as alegrias, as impossibilidades. Tudo isso nos convida à empatia, a uma maior compreensão dos fatores que podem levar uma vida para caminhos de violência.

Eduardo Souza trouxe imagens com traços fortes, definidos, expressando dor e alegria, ora nos convidando a olhar o cenário, ora apontando para os detalhes da face do personagem principal ou de elementos que simbolizem conceitos e ideias. O tempo sequencial da narrativa não segue segundo a segundo, mas nos dá a ideia de ciclos da vida – acontece agora, acontece depois de um tempo. Há a referência aos arquétipos de BEM e MAL, na representação das asas (ANJO) e dos chifres (DIABO), relacionando-os não a personagens, mas a situações. Por exemplo, os chifres são associados à violência, as botas interligam cenas de agressividade doméstica e social.

[3] (...) quando se fala das "expressões bandido é bandido morto" e "CPF cancelado", refere- se à vida, à vida dos seres humanos, sejam eles criminosos ou não(...).
in: https://meuartigo.brasilescola.uol.com.br/direito/a-problematica-por-tras-das-expressoes-bandido-bom-e-bandido-morto-e-cpf-cancelado.htm em 22/04/2025

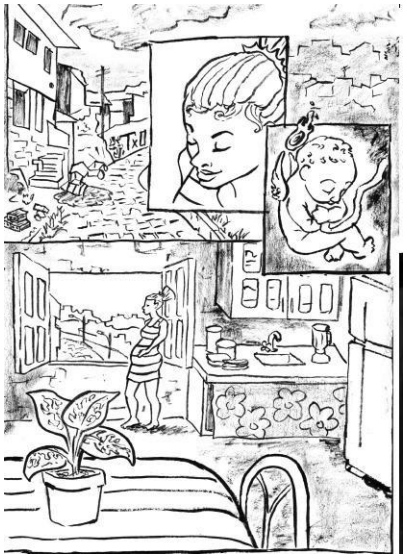
> E toda essa trama nos é apresentada através da linguagem da HQ, com regras próprias, com imagens que contam, com linhas de quadros que delimitam as sequências espacial e temporal. Sem palavras, com ilustrações, o livro provoca as referências próprias de quem o lê, de quem o tem nas mãos, de quem passa suas páginas. HQ? Livro-imagem? Livro-ilustrado?
> Sigamos sua leitura sem respostas que nos limitem em categorias. Afinal, toda boa Literatura é Arte.

A opção pela tipografia de Grafitagem, tanto na capa quanto na folha de rosto do livro, foi uma escolha por capturar o olhar do jovem, através da imagem, para a história a ser contada.

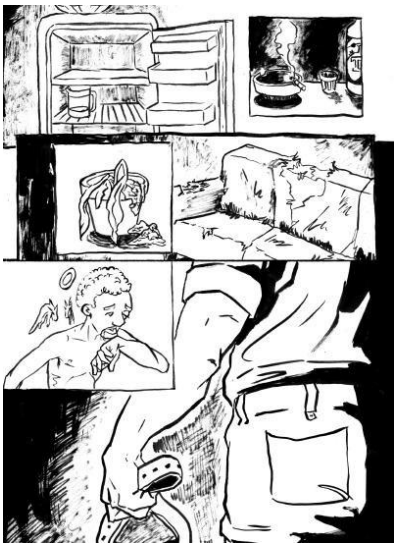




As ilustrações iniciais já mostram a dualidade da situação vivida no lar. Uma mãe amorosa, um pai violento. Espancamentos, fome. Fuga para a rua.

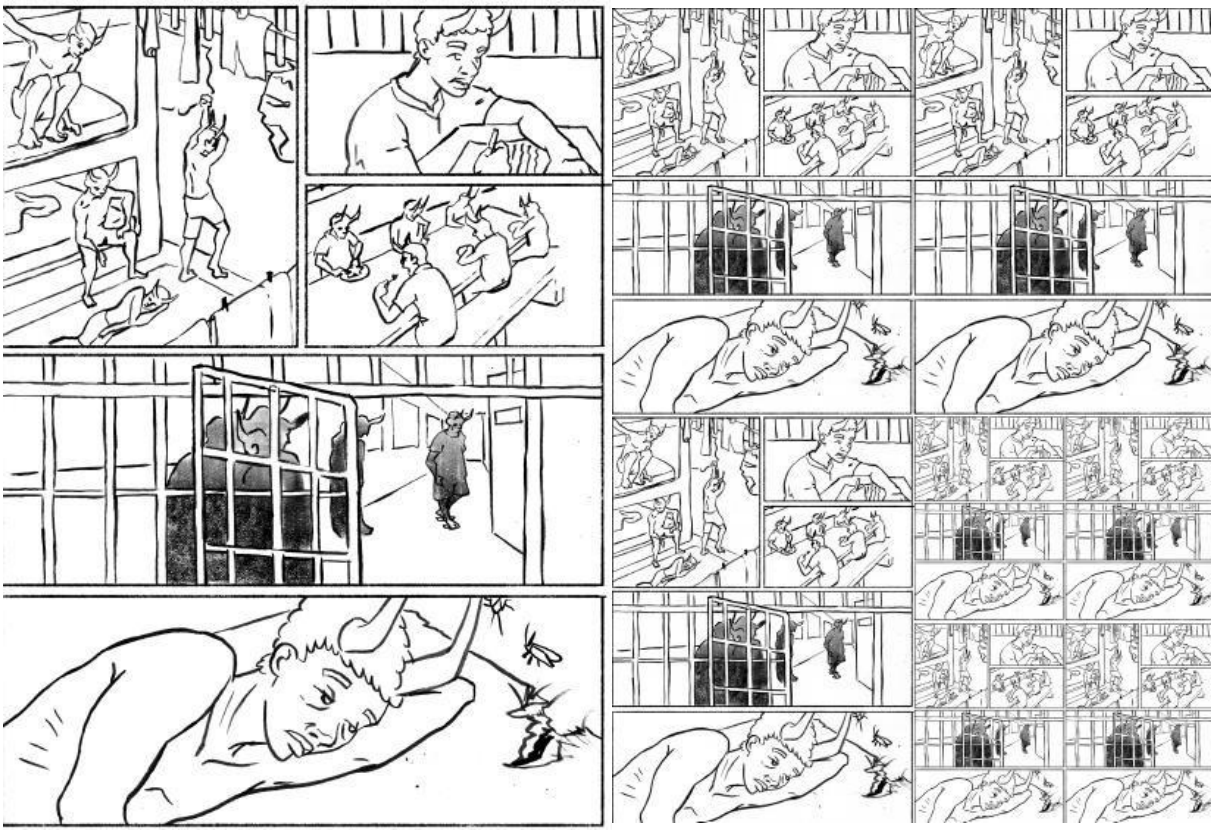








Já aqui Eduardo faz uma intervenção genial: mistura a estrutura da HQ com a técnica usada em *A chegada*, de Shau Tan.[4], onde uma mesma imagem é repetida várias vezes, cada vez sendo em um tamanho menor, para construir a ideia de passagem de um tempo, sem definir qual é exatamente o tempo, provocando no leitor a sensação de mesmice, pois não há novos elementos gráficos, todas as imagens a mesma coisa.
O que se repete também nessa página dupla.



As mudanças de situações são representadas por símbolos: asas e chifres, coração com espinhos, claro/escuro.

4 A chegada (The Arrival), de Shaun Tan, é uma história em quadrinhos sem palavras publicada pela Hodder Children's Books em 2006. O livro tem 128 páginas e está dividido em seis capítulos; ele é composto de painéis pequenos, médios e grandes e geralmente apresenta páginas de arte completa. É considerada uma obra-prima.



O final da história traz a sua morte e a referência intertextual com a frase “há mais um bandido estendido no chão”, o que nos remete ao conceito fascista de “bandido bom é bandido morto”.



Porém, ao contrário do que essa página sugere, sua morte não foi o seu castigo, foi, sim, sua redenção, pois, no seu retorno, recupera as asas que trouxe ao chegar para a vida aqui no útero de sua mãe.



Em DE QUEM É A CULPA? quis abordar o processo de construção de um livro ilustrado, desde a história contada no formato de narrativa (conto), passando para a transposição de um roteiro, até a supressão total das palavras, sendo a mesma contada apenas através de imagens, mesclando HQ com técnicas do livro ilustrado. É necessário um processo de aprendizagem e de desapego para o escritor, pois, na versão final, nenhuma de suas palavras está presente no livro.

LIVRO ILUSTRADO

CONCEITOS

O livro é um objeto cultural, um instrumento criado em um determinado momento da história para registrar conteúdos que não deveriam ser esquecidos com o passar dos tempos.

João Adolfo Hansen (2019, p. 7-8) apresenta o LIVRO como um objeto artificial, material e simbólico.

> Como objeto artificial, é mercadoria, produto acabado de vários processos intelectuais, técnicos e industriais; como objeto simbólico, é texto, que pressupõe uma autoria, que o acabou como obra, e leitores, que nunca acabam.

Sabemos que contar histórias é do humano – aprendi com Jerome Bruner, nas ciências, ainda no meu Mestrado em Psicologia Cognitiva (2004), na UFPE (Universidade Federal de Pernambuco), e com minha ancestralidade no meu viver -, nascemos com essa habilidade e ela se faz presente em todas as culturas. Já a capacidade de ler e escrever é construída em novas sinapses no cérebro leitor[5],através da experiência, formando novas redes neurais e possibilitando novos caminhos para leitura de mundo e escrita da história. Com o processo de leitura/escrita, há uma ampliação da capacidade cognitiva daquele que experienciou esse processo de aprendizagem.

Na Literatura, entendida como expressão artística[6], a leitura da narrativa se articula com a subjetividade do sujeito que lê e memória e imaginação também participam do processo de interpretação do que é lido – seja em palavras, seja em imagens.

No livro ilustrado, texto e imagens, juntos apresentam a narrativa ao leitor/à leitora, possibilitando camadas de significados que serão capturados a partir da experiência de vida e do/da seu/sua repertório estético.

Apresentar para crianças e jovens livros com qualidade textual, estética e na materialidade do objeto livro é oportunizar a expansão do seu repertório artístico e cultural.

A literatura pode levar o leitor a uma alteração da sua visão de mundo. A pluralidade de leituras é um fator de enriquecimento cultural.

Porém o texto – em palavras ou imagens -, registrado no suporte livro, completa-se no encontro com o sujeito-leitor, e é na sua recepção que a história acontece, ao se preencher suas lacunas com a própria imaginação, sua experiência de mundo-vida e sentido da leitura. A cada nova leitura, novas camadas de interpretação poderão surgir, visto que aquele que lê a obra é um leitor real, inserido em seu ambiente histórico-geográfico-temporal-social-cultural (ROBSON COELHO TINOCO, 2010).

Para se ler palavras é necessário aprender o sistema de codificação e decodificação dos signos da mensagem para que se consiga apreender o seu significado. Além, é claro, das palavras a serem decifradas fazerem parte das experiências culturais de quem as lê para

---

[5] O cérebro leitor, por Maryanne Wolf e Alcebiades Diniz Miguel

[6] A literatura como expressão artísticaé fundamentada por diversos autores, teóricos e filósofos que discutem sua natureza estética, linguística e cultural. Walter Benjamin (O Narrador), Pierre Bourdieu (As Regras da Arte), Antonio Candido (Direito à Literatura).
in: https://chat.deepseek.com/a/chat/s/9ce901df-c791-4fd1-a939-6ace2645668a em 22/04/2025

que possam ser vinculadas aos seus significados. Mas, e a leitura de imagens, que prescinde da alfabetização leitora, e coloca o humano em estado de observação e interpretação do que o rodeia?

Camilo Martins (2021, p. 66-67) nos apresenta uma reflexão, diria eu, poética, sobre a leitura de imagens:

> O desenho é uma linguagem como qualquer outra, uma linguagem que nasce da visão e se desenvolve para ser vista; ou seja, desenhar é ver e falar sobre o que se olha. Não é preciso, por exemplo, ser alfabetizado para entender um desenho, como se faz necessário com a leitura de um texto. Não é preciso estudar os possíveis significados dos símbolos [...] Fazer ver é fazer crer [...] e estar diante da imagem é acreditar na sua existência e absorver dessa experiência tudo que é possível, independentemente de se conectar ou não com o que o artista pensou.

Quando esse desenho tem a função de ser uma ilustração em um livro pensado para a infância, a responsabilidade de quem cria essas formas imagéticas é imensa, pois, segundo Camilo Martins (2021, p. 69-70):

> Seria essa possivelmente a principal missão da ilustração para crianças e jovens, ensinar a ser livre através da experiência estética e pictórica. [...]
> A ilustração estereotipada empobrece o repertório do leitor, limitando-o a uma visão única de mundo [...]
> A ilustração não deve se preocupar com o retrato fiel do mundo que a criança vive ou vai viver, mas, sim, com a pluralidade. [...]
> O medo, o asco, o terror, a dor, a tristeza, a morte, o prazer, a frustração são elementos presentes no universo fantástico que a ilustração de qualidade cria para que o pequeno leitor possa experimentar o mundo.

Graça Ramos (2011, p. 30) pontua que as imagens, no livro para crianças, estão muito além dos desenhos e ilustrações:

> A imagem está relacionada à definição de um projeto gráfico que estabelecerá os tipos de letras a serem usados, o tamanho, o espacejamento e o entrelinhamento delas; definirá ainda o ritmo do texto nas páginas, o que sugerirá o andamento da leitura; pensará a forma de integração entre o texto a as ilustrações; escolherá o tipo de papel que servirá de suporte e os recursos técnicos a serem utilizados na mecânica do livro.

Então, como compor um livro ilustrado que privilegie o encontro do leitor, uma criança, com a narrativa, através de sua interação com o objeto livro, em toda sua materialidade, e a distribuição das palavras e ilustrações em suas páginas?

Rui de Oliveira (2008, p. 27) traz reflexões sobre a magia das imagens nas ilustrações de livros pensados para a infância:

> O que mais nos encanta e seduz ao olharmos uma ilustração não é o que estamos vendo. [...] o que nos desperta o olhar é aquilo que supomos que estamos vendo. [...] O que está indefinido na penumbra, o que não foi ilustrado, mas sugerido, essa imagem que se origina em nossa mente, em nosso passado, em nossa expectativa e ansiedade de ver, sem dúvida é a que possui maior poder de pregnância no imaginário do pequeno leitor e, até mesmo, do leitor adulto.

Visitamos os conceitos de livro, de sujeito leitor, de imagens, de ilustrações, como situamos o conceito de livro ilustrado? Trazemos aqui a definição de Sophie van der Linden (2011, p. 87):

> O livro ilustrado seria assim uma forma de expressão que traz uma interação de textos (que podem ser subjacentes) e imagens (espacialmente preponderantes) no âmbito do suporte, caracterizada por uma livre organização da página dupla, pela diversidade de produções materiais e por um encadeamento fluido e coerente de página para página.

Carolina Moreyra e Odilon Moraes, no módulo 2, Isto (não) é um livro ilustrado, sobre livro ilustrado, na Turma 10[7], colocaram a importância de, no livro ilustrado, a história ir sendo apresentada em todas as materialidades do objeto livro. Carolina pontua que "a história ir sendo mostrada" no ritmo da sequência das páginas e suas viradas" para que o leitor entre nela, através de seus espaços de silêncio". Não é uma imagem isolada. Tudo no livro ilustrado convida à sensação, ao sentimento. Carolina Moreyra afirma que "o livro ilustrado coloca o leitor no lugar de atividade. A narrativa se completa quando o livro é lido".

Há muito que aprendo com esses Mestres. Saliento, porém, que minha relação com Odilon Moraes é anterior à essa formação e seus conhecimentos embasam minha criação literária e os as publicações da editora Pó de Estrelas, da qual faço parte.

EXPERIÊNCIAS

Fazendo o recorte para a ideia de materialização de uma narrativa em um livro ilustrado, vou apresentar aqui o percurso.

[7] As aulas aconteceram em Outubro/Novembro/Dezembro de 2023. Assisti a algumas de forma síncrona e as revi em Janeiro/2025 para a elaboração deste trabalho..

Envolvi-me com a escrita de histórias, registrando as que contava de boca para os meus filhos; surgiram as inventadas, as com ilustrações, adicionando uma nova camada de leitura à narrativa, e, finalmente, após um processo de aprendizagem e encantamento, os livros ilustrados, agregando palavra-imagem-materialidade às possibilidades de recepção da história pela pessoa que tem o livro entre as mãos.

Comecei o processo de construção do meu próprio caminho de aprendizagem na área do livro ilustrado, comprei livros sobre o tema, fiz cursos focados nessa abordagem (Odilon Moraes, Carolina Moreyra, Camila Feltre), iniciei pós-graduação (já conclui uma especialização sobre Literatura Infantil e Juvenil).

Tendo a possibilidade de ser escritora e editora, concomitantemente, comecei a trazer para a PÓ DE ESTRELAS Editora, livros ilustrados. Fizemos o MALA QUADRADA, CABEÇA QUADRADA; também tivemos O GATO COMEU e O SERTÃO E O MAR; SERÁ QUE É? e o livro ilustrado, só com imagens, DE QUEM É A CULPA?, trazendo a estrutura da História em Quadrinhos (HQ).

Resolvi fazer esse recorte porque acho importante a discussão sobre esse processo. No livro ilustrado, mais do que nunca, a autoria é compartilhada: texto, imagem, fotografia, diagramação, projeto gráfico, ajustes na gráfica no momento da impressão. Todos os envolvidos assinam a criação das materialidades do objeto livro quando se trata do livro ilustrado.

Outro ponto importante é o ir e vir do texto que vai se ajustando às imagens. Supressão de palavras para que a imagem também conte a história. No caso de DE QUEM É A CULPA?, zero texto, só imagens.

E quando o livro ilustrado já se encontra impresso, pronto, como se faz a mediação, pois é necessário o contato da pessoa que o lê em suas próprias mãos? Como se conta a história de um livro ilustrado? Variando o suporte, vídeo (as imagens do livro são animadas como se fosse um filme e a narração acompanha o movimento), audiolivro (toda a história é contada através da narração; apenas a voz apresenta a história), EPUB3 (o livro é convertido para uma mídia digital, onde suas páginas vão sendo apresentadas na tela e descritas através da voz, e o texto é narrado também através da voz), HTML5 (semelhante ao processo desenvolvido no EPUB3, mas com características de uso na internet), os pressupostos na narrativa não podem ser transpostos diretamente para as novas mídias, pois sua construção original foi baseada no passar das páginas, na página dupla, no formato do livro.

Aqui cabe uma discussão: como catalogar um Livro Ilustrado? onde colocá-lo na biblioteca? E na livraria?

Tradicionalmente os livros, em bibliotecas ou livrarias, são arrumados nas estantes a partir de um sistema de catalogação. Livros para as infâncias, livros para jovens, livros para adultos. Ou ainda, contos, poesia, fábulas, HQ, crônicas, contos de fadas, livros só com imagens. Outra possibilidade seria por editora ou por autoria. Quando se trata do livro ilustrado essas catalogações não o contemplam de forma integral. Para qual idade? Qual o gênero literário?

Há seis meses tenho vivido a experiência de ser livreira e a mediação do livro ilustrado tem revelado sua complexidade. O mesmo livro é a paixão de uma criança, de um adulto. Às vezes entendo que a temática da narrativa é uma e uma criança que o pega me apresenta uma leitura completamente diversa. Tenho aprendido muito sobre a potência do livro ilustrado para tocar a subjetividade das pessoas e é bonito constatar que terapeutas chegam até a Livraria Pó de Estrelas e os escolhem como recurso terapêutico.

Outra coisa importante são as inscrições para prêmios e concursos que solicitam o texto. Isso não vale para o Livro Ilustrado, pois a história só acontece quando texto-imagem-diagramação-projeto gráfico se encontram e se materializam no objeto livro.

MEDIAÇÃO

Algumas possibilidades de mediação da obra são apresentadas no ANEXO 1, no material intitulado Manual do Professor – ou Material de Apoio Pedagógico -, retirado do material completo que inscrevemos no PNLD[8] 2024.

O livro apresenta projeto gráfico inovador pois é uma HQ que também traz elementos do livro-ilustrado. Criando a narrativa imagética tendo como referência a estrutura de uma HQ, Eduardo Souza, apresenta planos, sequências, colocação de personagens, ritmo dos quadros em sequência. Porém, essa narrativa mostrada através das imagens, ultrapassa essa estrutura e insere representações que levam o(a) leitor(a) a novas possibilidades de camadas de interpretação. Há a sequência da narrativa, mas o tempo, aqui, não é exatamente o do tique-taque do relógio, e, sim, um tempo subjetivo, o tempo em que o

[8] Plano Nacional do Livro Didático (PNLD).

personagem permanece na prisão, representado na técnica utilizada pelo ilustrador para repetir a mesma cena na página dupla, fazendo essa repetição em tamanhos menores, ou ainda no detalhe da árvore plantada e que aparece maior algumas páginas depois.

Já o tema da história é um convite à reflexão sobre a trajetória de vida daquele que a sociedade chama de *bandido*, pois convida a quem a ler para uma reflexão sobre a complexidade da jornada do indivíduo que o leva do bebê ao sujeito que transgride as regras sociais. Onde começou a se instalar a violência? Em que tempo? De que forma? Temos aqui a oportunidade de compreender melhor toda jornada – indo do individual ao social -, de desenvolver empatia, de reelaborar julgamentos.

O que podemos fazer para mudar essa realidade? De quem é a culpa?

Os autores de uma obra literária são sujeitos sociais, com uma experiência de vida singular e com repertório literário constituído a partir de seus encontros com outras obras e vivências na arte da literatura. É a partir desse lugar que criam suas obras, que fazem arte, realizando a transposição do mundo que percebem para as páginas de um livro.

Cada produção literária tem em seu interior uma série de sinais que permitem desvendar o contexto em que foi criada e o perceber amplia a compreensão dos elementos que condicionaram a realização da obra, reforçando seu caráter comunicativo.

Da mesma forma, cada leitor(a), percebe a mensagem da obra de acordo com suas próprias experiências e nunca haverá duas leituras iguais de uma mesma produção artística. O(a) autor(a) permanece o(a) mesmo(a), mas a mensagem tem tantas interpretações quanto as pessoas que leem o trabalho. Haverá pontos em comum, mas a percepção subjetiva prevalecerá sobre isso.

Em DE QUEM É A CULPA? estamos completamente envolvidos pela temática apresentada na obra. Criei o argumento/roteiro a partir de uma experiência real em minha vida. Eduardo traduziu em imagens a história, entregando-se à criação não apenas com seu conhecimento profissional do design gráfico, mas deixou transbordar o artista que é na escolha do material, dos traços, das cores.

É importante essa compreensão dos contextos nos quais os autores estão inseridos para que possamos fazer uma leitura mais ampla da obra.

A Recepção literária, conceito que aprendi nas aulas com a Doutora Rosiane Xypas[9], na UFPE (Universidade Federal de Pernambuco) é a relação entre o(a) leitor(a) e a obra. Não se refere apenas ao encontro da pessoa com o livro entre as mãos, mas pontua também a

[9] https://www.rosianexypas.com/

importância das vivências individuais anteriores à leitura, ao repertório de informações e experiências literárias. Na vida, na escola, encontra-se o(a) leitor(a), aquele real, com seus limites e potencialidades, tanto no que se refere à fruição literária no gênero da obra, quanto ao sujeito inserido em contexto social, cultural.

A obra DE QUEM É A CULPA?, que privilegia a dimensão artística e estética da linguagem, chega para o(a) leitor(a) com um tema sensível, que provoca desconforto, futuca a subjetividade e provoca para refletir sobre possibilidades de solução para a situação apresentada. Conta uma história que, apesar de ser ficcional, poderia ser real, poderia ter acontecido com ele/ela (leitor(a)), com alguém da família, com um amigo e, por isso, pode suscitar empatia ou mexer em locais de dores profundas. Toda a narrativa é apresentada em cenários comuns, do cotidiano da sociedade brasileira, com personagens apresentados em ilustrações que simulam corpos reais; não há a introdução de cenários encantados, de objetos mágicos, apesar da utilização de símbolos que nos remetem ao conceito junguiano de arquétipo – estruturas básicas da psique humana -, como chifres, asas, espinhos, para representa o bem e o mal.

Faz-se necessária uma escuta delicada da interação de cada pessoa com a obra, não se restringindo a observação somente aos aspectos pedagógicos, cognitivos e racionais, mas se considerando também como a narrativa afeta emocionalmente o sujeito-leitor.

DE QUEM É A CULPA? não é uma obra apenas para fazer pensar. É uma obra para fazer sentir, pois nos apresenta os personagens em imagens que nos convocam para uma leitura de suas emoções e de seus sentimentos, além de ampliar nossa leitura das situações vividas com cenários que contam sobre as transformações e os desafios vividos.

CIRCULAÇÃO

Eis a referência à obra em nosso Catálogo. Divulgamos o livro em feiras literárias, em escolas, em livrarias.



Experiências profundas quando testemunhamos o livro, a pessoa leitora, a história. Lágrimas, falas sobre angústia. Quase nunca o livro segue na sacola de quem está com ele entre as mãos.

Submetemos a editais. Em alguns, compras com pareceres de "livro impactante". No PNLD 2024, reprovado. O motivo? Fere o estatuto do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) que proíbe imagens de armas e drogas em produtos para crianças e jovens.

> Art. 79. As revistas e publicações destinadas ao público infanto-juvenil não poderão conter ilustrações, fotografias, legendas, crônicas ou anúncios de bebidas alcoólicas, tabaco, armas e munições, e deverão respeitar os valores éticos e sociais da pessoa e da família. (in: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm , em 05/02/2025)

Nenhuma contextualização quanto à regra. Inúmeras avaliações positivas "a obra realiza, com maestria, a apresentação de tema sensível para a juventude". Nas atividades propostas no Material de Apoio ao Professor (ANEXO 1), articulações com o ECA. Uma lástima! Temática tão necessária! Linguagem tão vinculada com a juventude. Entramos com Recurso (um trecho do mesmo se encontra no ANEXO 2), mas perdemos, pois, a exigência do ECA estava no edital. Havemos de transformar essa rota.

CONCLUSÕES

O percurso desse livro me trouxe muitos aprendizados e desafios. Livro ilustrado, livro só com imagens, HQ, tema sensível[10]. Como juntar tudo isso em uma obra literária que faça pensar e sentir? Fui escritora, editora, livreira, mediadora de leitura, professora, pesquisadora e à medida que assumia cada um desses lugares mais trazia uma camada de significação para a elaboração e leitura do livro.

Lutei muito para que fosse aprovado no PNLD 2024 e chegasse para todas as escolas brasileiras. Perdi a batalha – ainda não perdi a guerra. Apresento-o na Livraria Pó de Estrelas e não perco a esperança de que toque quem tem a coragem de o abrir.

Para quem escrevi essa história? Para aqueles que a vivem no mundo real, para suas famílias, para seus amigos e amigas, para a Justiça, para os policiais, para a sociedade do tempo cruel em que existo no planeta Terra, onde o dinheiro vale mais que a vida. Persigo, tal qual Galeano, utopias. Elas me fazer caminhar. E meu conterrâneo, Paulo Freire, ensinou-me a esperançar. Resisto fazendo arte.

E este trabalho me deu um presente: a possibilidade de juntar as peças do quebra-cabeça de toda a jornada dessa obra. Que coisa, dolorosa e linda, trazer as recordações do meu primeiro encontro com J., ainda em sua infância, e ir aprendendo com ele como a vida e a rua podem ser espinhosas. Sofri com suas histórias, com sua prisão. Celebrei o nascimento de sua filha, chorei com a morte de sua mulher, festejei sua liberdade.

[10] Temas sensíveis em literatura são assuntos que podem provocar polêmicas, como morte, sexualidade, racismo, preconceito, entre outros. Pierre Bourdieu (Miséria do Mundo, 1997) e Michel Foucault (História da Sexualidade, 1976) já abordavam essa questão. No Brasil, autores como Lygia Fagundes Telles (*As Meninas*), Raduan Nassar (*Lavoura Arcaica*) e Conceição Evaristo (*Ponciá Vicêncio*) também exploram temas sensíveis com maestria.

Para sempre em meu coração, a cena em que ele pegou o livro em suas mãos, folheou as páginas, emocionou-se, e na última página, ao se deparar com sua representação com asas diante de sua morte, disse:

- E a senhora me vê como um Anjo, é?

-Sim. A culpa é de todos nós.

Sua face se fez salgada. A minha também.

E ficamos juntos, num longo abraço.

Tal qual no livro, onde uma criança fica deitada no berço aberta à possibilidade de um outro destino, tenho em mim o sonho de que uma outra sociedade é possível, sendo mais justa, mais solidária, mais amorosa. Termino com o mesmo texto que iniciei:

Para todas as crianças que tiveram suas infâncias roubadas,
meu pedido de perdão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HANSEN, João Adolfo (2019). **O que é um livro?** – Cotia, SP: Ateliê Editorial; São Paulo: Edições Sesc São Paulo

LINDEN, Sophie van der (2011). **Para ler o livro ilustrado**; Tradução: Dorothée de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify

MANGUEL, Alberto (2001). **Lendo imagens**: uma história de amor e ódio; tradução de Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg, Cláudia Strauch. – São Paulo: Companhia das Letras

MARTINS, Camilo (2021). **Desenhando pelas paredes**: a ilustração nos livros para a infância. In: GOMES, Alexandre de Castro; BARRETO, Cintia (org.). **Literatura infantil e juvenil**: aprendizagem e criação. – Divino de São Lourenço, ES: Semente Editorial

MATSUSHITA, Raquel (2021). **Fundamentos gráficos para um design consciente**. – Prefácio de Carlito Carvalhosa. – São Paulo: Musa Editora, 2. ed.

MORAES, Odilon; HANNING, Rona; PARAGUASSU, Maurício (2012). **Traço e prosa**: entrevistas com ilustradores de livros infantojuvenis. – São Paulo: Cosac Naify

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole (2011). **Livro ilustrado**: palavras e imagens; Tradução: Cid Knipel. – São Paulo: Cosac Naify

OLIVEIRA, Ieda. (2008). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil**: com a palavra o ilustrador. – São Paulo: DCL

OLIVEIRA, Rui de (2008). **Pelos Jardins Boboli**: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira

RAMOS, Graça (2011). **A imagem nos livros infantis**: caminhos para ler o texto visual. Belo Horizonte: Autêntica Editora

RIBEIRO, Ana Elisa (2018). **Livro**: edição e tecnologia no século XXI. – Belo Horizonte, MG: Moinhos; Contafios

SAGAE, Peter O (2018). **A árvore dos livros de imagem**. – São Paulo: Dobras da Leitura

SALISBURY, Martin; STYLES, Morag (2013). **Livro infantil ilustrado**: a arte da narrativa visual. – São Paulo, SP: Rosari

SILVA, Vera Maria Tietzmann (2020). **Ler imagens, um aprendizado**: a ilustração de livros infantis. – Goiânia: Cânone Editorial

TINOCO, Robson Coelho (2010). **Leitor real e teoria da recepção**: travessias contemporâneas. – São Paulo: Editora Horizonte

WALTY, Ivete Lara Camargos; FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira (2000). **Palavra e imagem**: leituras cruzadas. – Belo Horizonte: Autêntica

XYPAS, Rosiane (2018). **A leitura subjetiva no ensino de literatura**: apropriação do texto literário pelo sujeito leitor. – Olinda/PE: Nova Presença

ZILBERMAN, Regina (2000). **Fim dos livros, fim dos leitores?** – São Paulo: Editora Senac

INDICAÇÕES DE LIVROS PARA AMPLIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA

HQs

- Ziraldo n'O Pasquim: só dói quando rio, Ziraldo
- Toda a Mafalda, Quino
- Cumbe, Marcelo D'Salete
- Rumi, Caio Zero

Temática da obra

- Cena de rua, Angela Lago
- Fábula urbana: José Rezende Jr.
- Sobrevivendo no inferno, Racionais MC'S
- Sobrevivendo no inferno - Racionais MC'S: o livro do disco, Arthur Dantas Rocha

Fundamentação teórica – HQ

- A arte de quadrinizar: filosofia e prática, Ivan Brunetti
- A leitura dos quadrinhos, Paulo Ramos
- O sistema dos quadrinhos, Thierry Groensteen
- Estrutura narrativa nos quadrinhos: construindo sentidos a partir de fragmentos, Barbara Postema
- Aprenda & faça arte sequencial: linguagem: HQ: conceitos básicos, Nobu Chinen
- As linguagens dos quadrinhos, Daniele Barbieri
- Quadrinhos e arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista, Will Eisner
- Desenhando quadrinhos, Scott McCloud

Fundamentação teórica – Livro-ilustrado

- Guia prático do design editorial: criando livros completos
- Fundamentos gráficos para um design consciente, Raquel Matsushita
- Pelos Jardins de Boboli: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças, Rui de Oliveira
- Lendo imagens: uma história de amor e ódio, Alberto Manguel
- Livro ilustrado: palavras e imagens, Maria Nikolajeva

- Para ler o livro ilustrado, Sophie Van der Linden

Arquétipos e Símbolos

- Dicionário Junguiano, Paolo Francesco Pieri; Trad: Ivo Storniolo
- Dicionário de símbolos, Jean Chevalier e Alain Gheerbrant; Trad: Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim, Lúcia Melim

Leitura literária no ambiente escolar

- Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva de letramento, Renata Junqueira de Souza, Berta Lúcia TagliarI Feba (org.)
- Leitura de Literatura na escola, Maria Amélia Dalvi, Neide Luzia de Rezende, Rita Jover-Faleiros (org.)
- Construindo o leitor competente: atividades de leitura interativa para a sala de aula, Regina Maria Braga, Maria de Fátima Barros Silvestre

HQ no ambiente escolar

- Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula, Angela Rama, Waldomiro Vergueiro, Alexandre Barbosa, Paulo Ramos, Túlio Vilela
- Quadrinhos na educação: da rejeição à prática, Waldomiro Vergueiro, Paulo Ramos

Gêneros textuais

- Dicionário de gêneros textuais, Sérgio Roberto Costa
- Gêneros textuais: reflexões e ensino, Acir Mário Karwoski, Beatriz Gaydeczka, Karim Siebeeneicher Brito (org.)

WEBLIOGRAFIA

- RACIONAIS MC'S – Álbum SOBREVIVENDO NO INFERNO https://www.youtube.com/watch?v=WZcFdjPZw18
- DEVOTOS – Alien https://www.youtube.com/watch?v=7PVKObDgzbA
- A chegada – Shau Tan https://www.youtube.com/watch?v=FzzD7GE9AV8 https://www.youtube.com/watch?v=1c7rzldRohs

- Estatuto da Criança e do Adolescente
  https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf
- Declaração Universal dos Direitos Humanos
  https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos
- Pó de Estrelas Editora
  https://www.instagram.com/podeestrelas.editora
  https://www.youtube.com/c/podeestrelas_editora

FILMOGRAFIA

- **Pixote, a lei dos mais fraco**
  Sinopse: Pixote (Fernando Ramos da Silva) foi abandonado por seus pais e rouba para viver nas ruas. Ele já esteve internado em reformatórios e isto só ajudou na sua "educação", pois conviveu com todo os tipos de criminosos e jovens delinquente. Ele sobrevive se tornando um pequeno traficante de drogas, cafetão e assassino, mesmo tendo apenas onze anos.
  https://www.adorocinema.com/filmes/filme-273/
- **Cidade de Deus** (Não recomendado para menores de 16 anos)
  Sinopse: Buscapé (Alexandre Rodrigues) é um jovem pobre, negro e muito sensível, que cresce em um universo de muita violência. Buscapé vive na Cidade de Deus, favela carioca conhecida por ser um dos locais mais violentos da cidade. Amedrontado com a possibilidade de se tornar um bandido, Buscapé acaba sendo salvo de seu destino por causa de seu talento como fotógrafo, o qual permite que siga carreira na profissão. É através de seu olhar atrás da câmera que Buscapé analisa o dia a dia da favela onde vive, onde a violência aparenta ser infinita.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

- **A chegada – Shau Tan**
  A chegada (The Arrival), de Shaun Tan, é uma história em quadrinhos sem palavras publicada pela Hodder Children's Books em 2006. O livro tem 128 páginas e está dividido em seis capítulos; ele é composto de painéis pequenos,

médios e grandes e geralmente apresenta páginas de arte completa. É considerada uma obra-prima.

ANEXOS

ANEXO 1 – MEDIAÇÃO DE LEITURA

CONVERSA COM O(A) PROFESSOR(A)

Professor(a),

Apresentamos para você a obra **DE QUEM É A CULPA?**, com argumento e roteiro de *Patrícia Vasconcellos* e com construção da narrativa visual, através das ilustrações, de *Eduardo Souza*, publicação da editora Pó de Estrelas.

O livro apresenta projeto gráfico inovador pois é uma HQ que também traz elementos do livro-ilustrado. Há a sequência da narrativa, mas o tempo, aqui, não é exatamente o do tique-taque do relógio. Podemos observar presente-passado-futuro na imagem de uma árvore que vai crescendo durante a passagem das páginas ou, ainda, os dias sendo contados pela repetição da imagem em tamanhos cada vez mais diminutos. Pequenas riquezas da comunicação proporcionadas pelos bons livros-ilustrados.

Já o tema da história é um convite à reflexão sobre a trajetória de vida daquele que a sociedade chama de *bandido*. Onde começou a se instalar a violência? Em que tempo? De que forma? Quando vamos acompanhando a narrativa através das imagens temos a oportunidade de compreender melhor toda jornada – indo do individual ao social -, de desenvolver empatia, de reelaborar julgamentos.

O que podemos fazer para mudar essa realidade? De quem é a culpa?

Com carinho,

Patrícia Vasconcellos

QUEM ESCREVEU E ILUSTROU

Argumento e Roteiro

Patrícia Vasconcellos é escritora, editora da Pó de Estrelas, promotora cultural da FESTA DA PALAVRA. Enquanto Psicóloga acolheu dores e sonhos e aprendeu que o Bem e o Mal são dois lados da mesma moeda. Talvez, por isso, apresente-nos uma abordagem sem julgamentos da trajetória de vida do personagem principal. No início, uma criancinha repleta de sonhos que vai, paulatinamente, tendo experiências de violência – doméstica e social -, refugia-se nas drogas ilícitas, segue pelo mundo do crime, cumpre pena, recomeça, é vítima de uma tragédia familiar, refugia-se, mais uma vez, na transgressão da lei, morre e sua morte é sua redenção, sendo acolhido e perdoado no arquétipo do Céu. Pela autora somos guiados, com sensibilidade, para um olhar subjetivo, cultural, social sobre os diversos contextos que podem inibir ou potencializar os conflitos vividos pelos personagens, levando-nos à empatia com o problema e ao questionamento "de quem é a culpa?".

Narrativa visual

Eduardo Souza é designer, ilustrador, pesquisador e professor de Design Gráfico. Investiga o potencial das imagens na narrativa de histórias apresentadas no objeto livro, realizando trabalhos na literatura infantil com livros ilustrados. Contar esta história através de imagens não foi fácil para ele, pois o coração apertava quando se deparava com o contexto experienciado pelo personagem principal. Ritualisticamente a música o colocava em estado criativo e foi definindo traços, cores, enquadramentos, desenhando quadro a quadro, imagem a imagem, na sequência narrativa característica da HQ. Porém, sendo artista de livro-ilustrado, inseriu com maestria elementos sutis que ultrapassam a linearidade do tempo e a disposição geográfica de uma situação real.

O autor das imagens guia nosso olhar para o detalhe da face, para o corpo curvado, para cenários do cotidiano que se tornam invisíveis quando a realidade não nos fere. Apresenta-nos símbolos arquetípicos de dor e de esperança, insinua a passagem do tempo em elementos e na estrutura de formação das imagens em uma página. Tudo isso, em conjunto, dá-nos o ritmo da narrativa, conduzindo nossas emoções e reflexões sobre o tema.

CONTEXTO DE PRODUÇÃO DA OBRA

Os autores de uma obra literária não são sujeitos abstratos, deslocados do contexto social e cultural no qual estão inseridos. São, sim, sujeitos sociais, com uma experiência de vida

singular e com repertório literário constituído a partir de seus encontros com outras obras e vivências na arte da literatura. É a partir desse lugar que criam suas obras, que fazem arte, realizando a transposição do mundo que percebem para as páginas de um livro.

Sendo assim, o contexto de produção de uma obra literária é o universo de circunstâncias econômicas, emocionais, políticas, religiosas, sociais e culturais em que o(a) autor(a) está imerso(a) ao produzir seu trabalho artístico com características próprias e que representam a identidade de seu trabalho.

Cada produção literária tem em seu interior uma série de sinais que permitem desvendar o contexto em que foi criada e o perceber amplia a compreensão dos elementos que condicionaram a realização da obra, reforçando seu caráter comunicativo.

Da mesma forma, cada leitor(a), percebe a mensagem da obra de acordo com suas próprias experiências e nunca haverá duas leituras iguais de uma mesma produção artística. O(a) autor(a) permanece o(a) mesmo(a), mas a mensagem tem tantas interpretações quanto as pessoas que leem o trabalho. Haverá pontos em comum, mas a percepção subjetiva prevalecerá sobre isso.

Em DE QUEM É A CULPA? encontramos os autores completamente envolvidos pela temática apresentada na obra. Patrícia criou o argumento/roteiro a partir de uma experiência real em sua vida. Além disso, sua formação no campo da Psicologia pode ser percebida na condução da narrativa para posições de não-julgamento individual sobre os conflitos do personagem principal, deixando clara que sua leitura de mundo percebe o contexto social como corresponsável pela construção do desfecho. Eduardo traduziu em imagens a história, entregando-se à criação não apenas com seu conhecimento profissional do design gráfico, mas deixou transbordar o artista que é na escolha do material, dos traços, das cores. Atendendo ao desejo de Patrícia, apresentou a narrativa em HQ, sem texto (livro-imagem), com sutilezas do livro-ilustrado, integrando assim, materialmente, suas áreas de pesquisa acadêmica.

É importante essa compreensão dos contextos nos quais os autores estão inseridos para que possamos fazer uma leitura mais ampla da obra.

CONTEXTO DE RECEPÇÃO DA OBRA

A *Recepção literária* é a relação entre o(a) leitor(a) e a obra. Não se refere apenas ao encontro da pessoa com o livro entre as mãos, mas pontua também a importância das vivências individuais anteriores à leitura, ao repertório de informações e experiências literárias. Na escola se encontra o(a) leitor(a), aquele real, com seus limites e

potencialidades, tanto no que se refere à fruição literária no gênero da obra, quanto ao sujeito inserido em contexto social, cultural.

A obra DE QUEM É A CULPA?, que privilegia a dimensão artística e estética da linguagem, chega para o(a) estudante com um tema sensível, que provoca desconforto, futuca a subjetividade e convoca o(a) leitor(a) a refletir sobre possibilidades de solução para a situação apresentada. Conta uma história que, apesar de ser ficcional, poderia ser real, poderia ter acontecido com ele/ela (leitor(a)), com alguém da família, com um amigo e, por isso, pode suscitar empatia ou mexer em locais de dores profundas.

Faz-se necessária uma escuta delicada da interação de cada um(a) dos(as) alunos(as) com a obra, não se restringindo a observação somente aos aspectos pedagógicos, cognitivos e racionais, mas se considerando também como a narrativa afeta o(a) aluno(a) emocionalmente.

DE QUEM É A CULPA? não é uma obra apenas para *fazer pensar*. É uma obra para *fazer sentir*.

NATUREZA ARTÍSTICA DA OBRA

A Literatura é uma expressão artística e provoca no(a) leitor(a) experiências subjetivas. Também convoca as ferramentas cognitivas do(a) leitor(a) para a compreensão racional da narrativa apresentada, ampliando seu repertório cultural. Para que esse repertório seja ampliado se faz necessário o encontro com diferentes gêneros literários, autores diversos, textos clássicos e contemporâneos, artistas de perto e de longe – tanto geográfica quanto culturalmente -, obras com linguagens e suportes variados.

Quanto maior for a vivência do(a) estudante com Literatura-Arte, maior será sua possibilidade de ler o mundo e, concomitantemente, ler-se nele. Ler o livro e, ao mesmo tempo, perceber-se transformado pelo encontro com ele, não apenas pelos temas apresentados como também pela forma, o gênero literário, colocando-se aqui no lugar de leitor(a) fruidor(a)

DE QUEM É A CULPA? apresenta a narrativa através da História em Quadrinho, gênero literário com linguagem específica. Há um argumento/roteiro e, a partir dele, ocorre a criação das imagens. Um quadrinho após o outro, distribuídos sequencialmente página a página, vão revelando a história. A obra aqui apresentada é um livro-imagem, sem texto, e o autor da narrativa visual buscou alternativas para superar a ausência dos textos nos balões característicos das HQ e transpôs para as imagens apresentadas o que poderia estar escrito em muitas e muitas palavras – uma descrição do medo da violência doméstica é

contada através da imagem do olhar de pânico do personagem, a passagem do tempo é revelada pelo crescimento de uma árvore. Além das características específicas das HQ e dos livros-imagem, há elementos que só se encontram nos bons livros ilustrados, como contagem do tempo do relógio sendo representada pela mesma sequência de quadrinhos se reproduzindo em tamanhos cada vez menores. Sutilezas que não são percebidas numa primeira leitura e que fazem de um livro uma obra de arte.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES: Língua Portuguesa

A BNCC insere HQs entre os gêneros como apoio às estratégias de leitura no Ensino Fundamental, de maneira a desenvolver habilidades como "ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros".

DE QUEM É A CULPA? é uma obra literária que nos permite diversas camadas de leitura, seja por conta da temática delicada, ou por conta do diálogo da narrativa visual da HQ, sem os recursos verbais dos balões, proporcionando apenas a leitura de imagens, com recursos aplicados ao livro-ilustrado.

Propomos atividades para o trabalho com a obra literária segmentadas em três etapas: antes da leitura, durante a leitura, após a leitura., promovendo não apenas a aprendizagem de conteúdos, mas também a experiência sensível da Literatura-Arte.

ATIVIDADES DE LEITURA

PRÉ-LEITURA

A primeira parte da atividade ocorre antes da leitura e tem como objetivo motivar o(a) leitor(a) a receber a obra literária, com oportunidades de inferência e antecipação de informações, percepções e emoções sobre o tema apresentado na obra.

Para o trabalho com DE QUEM É A CULPA?, de Patrícia Vasconcellos, ilustrado por Eduardo Souza, é possível antecipar a leitura com um diálogo, por meio de *perguntas*, *respostas* e *atividades*.

O que fazer antes da leitura?

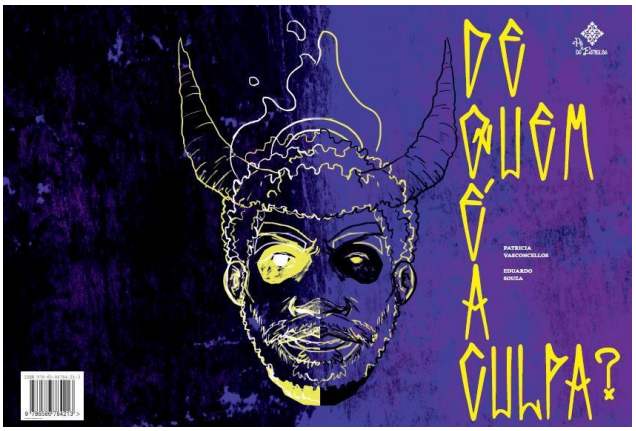
1. Promover uma **Roda de Diálogo**, onde os(as) alunos(as) poderão compartilhar histórias a partir da frase **"BANDIDO BOM É BANDIDO MORTO"** e registrar possibilidades de causas que justifiquem essa realidade social.
2. Solicitar que os(as) alunos(as) façam **Imagens** dos personagens arquetípicos que representam o **BEM (Anjo)** e o **MAL (Diabo).**

3. Colocar a **Música** *Jorge da Capadócia*, do grupo **Racionais Mc's**, no álbum *Sobrevivendo no Inferno*, para que possam ouvir a melodia, escutar a letra, sentir a mensagem e, depois, trocar impressões sobre todo o processo.
https://www.vagalume.com.br/racionais-mcs/discografia/sobrevivendo-no-inferno.html

LEITURA

A segunda parte da atividade tem como objetivo o encontro do(a) leitor(a) com o livro, com a narrativa que nele se encontra e com a história contada no passar das páginas.

1. Apresentar a capa do livro e perguntar se tivessem encontrado este livro junto com outros, em uma livraria ou em uma biblioteca, se o escolheriam para ler. Por quê?
2. Perguntar sobre que aspectos chamam atenção no livro. Por quê?
3. Apresentar o livro, mostrando a capa, a quarta capa e, depois, mostrar o livro com as capas abertas, perguntando sobre a imagem que se apresenta (Anjo ou Diabo?).



4. Pontuar que a narrativa já começa a ser contada na capa do livro, na própria materialidade do objeto-livro. A tipografia do título provoca uma associação imediata com as grafitagens que se espalham pelas comunidades urbanas de todo o país, insinuando que a história tem relação com a juventude brasileira. O personagem tem sua representação facial dividida bem no meio da capa/4ª. capa, revelando que aqui encontraremos dois lados de uma mesma moeda. Há chifres, simbolicamente relacionados ao Mal, e, também, o fogo, representando o Bem. Qual será a verdadeira face do homem que aqui nos olha?
5. Mostrar a fotografia da folha de rosto e solicitar que identifiquem a tipografia que caracteriza a grafitagem. Em que locais da sua comunidade também existem grafitagens? O que representa essa intervenção urbana?
6. Mostrar a narrativa visual, página a página, em silêncio.

7. Esperar que a turma integre a narrativa, cognitiva e emocionalmente.
8. Mostrar a narrativa visual, página a página, apontando, agora, aspectos da linguagem característicos da HQ (como a emoção é representada nas faces dos personagens, como se registra a passagem do tempo, como se representam situações de dor e de alegria).
9. As pessoas podem ser totalmente do BEM ou totalmente do MAL, ou todo mundo tem um pouco das duas coisas?
10. Qual o momento mais doloroso para o personagem principal da história?
11. Em qual ponto da narrativa cada leitor(a) sentiu mais dificuldade de continuar a ler/ver/sentir a história?
12. O que levou o personagem principal a agir dessa forma? Ele teria a possibilidade de escolha? Qual seria o final mais justo?
13. Mostrar, novamente, a narrativa visual, página a página, em silêncio. Ao término da leitura provocar a reflexão de se houve diferença entre a primeira e a última leitura, no que se refere à compreensão da história.

PÓS-LEITURA

Após a leitura do livro, é hora de explorar as diferentes possibilidades de compreensão, interpretação, interação verbal, escrita e imagética, de produção textual dos estudantes. Neste espaço, encontram-se, propostas de atividades que podem ser usadas na escola, ampliando, ainda mais a relação dos(as) jovens com a obra.

1. Reescrever a história do livro em linguagem de conto narrativo. Refletir sobre as diferenças de representação linguística.
2. Apresentar para a turma livros e revistas que desenvolvam narrativas em HQ.
    - Há sugestões de leitura ao final deste Material de Apoio.
3. Estudar os elementos de uma HQ (como construir a narrativa visual, como fazer a passagem do tempo, os limites das imagens, os balões, as emoções dos personagens).
    - Há referências bibliográficas que podem fundamentar essa atividade ao final deste Material de Apoio.
4. Elaborar, com a turma, uma obra de HQ com histórias criadas pelos grupos da sala de aula, considerando:
    - A linguagem visual

- A imagem desenhada é o elemento básico das HQ e se apresenta como uma sequência de quadros que trazem a mensagem ao(à) leitor(a), sendo, quase sempre, uma narrativa.
- Sua menor unidade é o quadrinho ou vinheta. E a sucessão de vinhetas segue o fluxo de leitura do texto escrito (no mundo ocidental).
- A técnica de desenho utilizada na HQ está associada à temática abordada.
- Questões de enquadramento, planos, ângulos de visão, formato dos quadrinhos, montagem das páginas, criação de personagens e metáforas visuais se relacionam na criação da linguagem visual que compõe a narrativa.

- O quadrinho ou vinheta
  - O quadrinho é a unidade básica da narrativa, contada através de sua sucessão e é essencial para a compreensão de uma ação ou acontecimento.
  - A utilização de vinhetas de tamanhos diferentes na mesma página afasta a monotonia visual e colabora para a leitura da história.
- Planos e ângulos de visão
  - Os enquadramentos determinam como uma imagem é representada, limitada na altura e na largura.
    - Plano Geral: envolve a figura humana e todo o cenário; equivale a uma descrição do ambiente quando a linguagem é a verbal;
    - Plano Total ou de Conjunto: representa a pessoa humana e pouco mais, não colocando muitos detalhes do espaço em volta;
    - Plano Médio ou Aproximado: representa os seres humanos da cintura para cima, permitindo mais clareza dos traços fisionômicos;
    - Plano Americano: retrata os personagens a partir da altura dos joelhos;

        - Primeiro Plano: limita o enquadramento à altura dos ombros.
    - Os ângulos de visão representam como a cena é observada.
        - Ângulo de visão médio: a cena é observada como se acontecesse na altura dos olhos do(a) leitor(a).
        - Ângulo de visão superior: a ação é focada de cima para baixo, permitindo que personagens sejam diminuídos pelo ambiente ou pelas diversidades;
        - Ângulo de visão inferior: vê-se a ação de baixo para cima e é utilizado para engradecer a figura representada.
- Uma boa HQ alterna entre planos e ângulos de visão proporcionando ritmo visual à narrativa.

ARTICULAÇÃO ENTRE DISCIPLINAS: habilidades e competências em projetos de trabalho transdisciplinares (PTT)

As Histórias em Quadrinhos (HQ) se constituem em uma área interdisciplinar, perpassando as áreas de Letras, Artes, Comunicação e Educação, História e Sociologia. Na escola, as HQ podem estimular projetos de trabalhos transdisciplinares, promovendo atividades que estimulem processos cognitivos de pesquisa, seleção de informações, argumentação, síntese, construção de narrativas e apresentação do processo percorrido em diferentes linguagens de expressão.

A partir da leitura da obra DE QUEM É A CULPA? propomos atividades, em projetos de trabalho transdisciplinares (PTT).

PTT-01 - Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA): direitos humanos garantidos?

DE QUEM É A CULPA? possibilita um diálogo direto com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) visto que aborda o envolvimento do adolescente com a criminalidade. Importante que os(as) estudantes tenham conhecimento dos direitos protetivos do ECA e discutam as possibilidades e desafios de sua aplicação.

Propomos, então, um PTT que integre, diversas áreas de conhecimento.

ATIVIDADES
Pesquisar sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no que se refere às penalidades por infração à lei e aos direitos protetivos.
Discutir sobre as implicações do ECA no cotidiano dos jovens que são acolhidos pelo Estatuto.
Pesquisar sobre as estatísticas de violência contra jovens na realidade brasileira. Consultar documentos oficiais (federais, estaduais, municipais). Analisar dados matemáticos a partir de porcentagens e as informações que eles revelam.
Tabular graficamente os resultados da pesquisa pelas categorias Idade/Gênero/Raça ou outras que o grupo estabeleça como prioridade. Experimentar diferentes modelos de gráficos e escolher qual melhor apresenta as informações.
Pesquisar sobre a violência contra jovens na realidade brasileira em jornais, revistas e outras mídias de comunicação (Internet). Observar a confiabilidade das fontes de informações.
Verificar se as informações encontradas nas estatísticas oficiais estão em sintonia com as informações encontradas nos veículos de comunicação ou se as duas apresentam disparidades. Refletir sobre as possíveis causas das diferenças e semelhanças dos resultados.
Pesquisar sobre a Carta dos Direitos Humanos e como este documento se reflete no ECA. Observar os contextos históricos, sociais e culturais para a elaboração de ambos os documentos e as transformações ocorridas na contemporaneidade.
Refletir sobre como a Carta dos Direitos Humanos e o ECA estão presentes no ambiente escolar.

PTT-02 - Drogas, lícitas e ilícitas: como atuam no organismo e quais as implicações na vida do usuário

DE QUEM É A CULPA? apresenta a violência doméstica motivada pelo consumo excessivo da bebida alcoólica, droga lícita, e de como essa violência destrói famílias e contribui para a saída de crianças e jovens de suas casas para buscarem nas ruas o alívio do sofrimento do qual são vítimas. Tendo as ruas como moradia, estão mais susceptíveis ao envolvimento com drogas ilícitas, quer seja como instrumento de fuga da realidade, quer seja como possibilidade de sobrevivência.

Para além das questões legais e do julgamento moral, substâncias químicas atuam no organismo que as utilizam e provocam transformações orgânicas, cognitivas e emocionais, causando, muitas vezes, dependência e transtornos de saúde física e mental,

refletindo diretamente no cotidiano de seus usuários, de suas famílias e dos grupos sociais nos quais estão inseridos.
Propomos, então, um PTT que integre, diversas áreas de conhecimento.

ATIVIDADES
Pesquisar sobre as consequências, no organismo, do uso de drogas (lícitas e ilícitas): bebidas alcoólicas, remédios controlados, drogas ilegais e outras que o grupo apresente.
Pesquisar quando o uso passa a ser considerado um vício (doença).
Entrevistar profissionais de saúde para compreender melhor o olhar específico de cada área diante do problema apresentado – uso de drogas lícitas e ilícitas – e a diferença do conceito de droga para o conceito de remédio.
Selecionar, a partir das pesquisas, as principais implicações de sua ingestão na vida dos usuários.
Pesquisar sobre as possibilidades de acolhimento e tratamento de usuários já classificados como viciados (doentes).
Montar painel informativo na escola com o resultado das pesquisas alertando para os riscos de seu uso. As informações podem ser apresentadas com dados estatísticos (porcentagens), tabelas e gráficos.
Desenvolver uma campanha para alertar a comunidade dos riscos de uso de drogas lícitas e ilícitas e para informar onde buscar ajuda para o processo de cura quando o uso virar um vício (doença). A campanha pode ser feita em material impresso, através de programas de rádio local ou escolar, ou pelas mídias sociais da Internet (blog, vlog, podcast, Instagram, Facebook, Youtube ou outras que o grupo sugira).

PTT-03 – Grafitagem: expressão artística, social e política

Grafite é um tipo de manifestação artística. Consiste em um movimento organizado nas artes plásticas, em que o artista cria uma linguagem intencional para interferir na cidade, aproveitando os espaços públicos dela para a crítica social. *Pichação* é o ato de escrever ou rabiscar sobre muros, fachadas de edificações, asfalto de ruas ou monumentos, usando tinta em spray aerossol, dificilmente removível, estêncil ou mesmo rolo de tinta. A *Grafitagem* está mais associada a expressões por imagens enquanto a *Pichação* se refere à expressão com grafismo relacionado a uma tipografia específica. Há ainda questões

legais entre a liberdade de expressão e os direitos dos bens públicos e privados que sofrem a intervenção.

A obra DE QUEM É A CULPA? já apresenta em seu título de capa a tipografia característica da expressão artística Pichação, provocando uma associação direta com aquele(a) que se identifica com essa linguagem. Na sua folha de rosto aparece, mais uma vez, o nome da obra na mesma tipografia, porém, dessa vez, em fotografia com uma intervenção urbana realizada por artistas.

Propomos, então, um PTT que integre, diversas áreas de conhecimento.

ATIVIDADES
Pesquisar os conceitos de Grafite e Pichação, enquanto expressão artística que se manifesta em espaços urbanos.
Tabular os principais temas expressos pelos seus artistas na contemporaneidade (pode-se fazer um recorte para sua própria comunidade) e quais os pontos de crítica social que levantam.
Representar em tabelas e gráficos os resultados encontrados.
Pesquisar sobre as técnicas e os materiais utilizados pelos artistas nessa forma de expressão artística e quais são seus principais expoentes (mundo / país / região / estado / cidade / comunidade), identificando os estilos próprios, tanto no que se refere às técnicas quanto aos temas. Observar semelhanças e diferenças.
Convidar grafiteiro da comunidade para realizar oficina com a turma e deixar sua rate registrada em parede ou muro da escola.

ANEXO 2 – RECURSO

Texto produzido pelos autores da Obra DE QUEM É A CULPA? para o recurso no PNLD 2024

DE QUEM É A CULPA?
Patrícia Vasconcellos e Eduardo Souza; Pó de Estrelas Editora

Queremos provocar o debate sobre a realidade brasileira que apresenta a situação narrada na obra, possibilitando camadas de interpretação e apresentando uma via de esperança para que o ciclo de violência não se perpetue. Acreditamos no poder da arte para tocar a subjetividade e sabemos que DE QUEM É A CULPA? provoca essa experiência, atendendo a orientações da BNCC para a formação de cidadãos através da educação.

Reconhecemos que a obra traz uma temática sensível, necessária e urgente, para o debate: violência doméstica, pobreza, violência social, falha nas políticas públicas e sociais no tocante ao cuidado dos vulneráveis, uso de drogas como fuga às dores do cotidiano. Em momento algum fazemos apologia a tudo isso e, sim, tentamos alargar as possibilidades de compreensão de tão complexa realidade do nosso país.

No material de apoio ao professor/à professora, sugerimos atividades com o ECA para provocar reflexões e uma ampliação na leitura de mundo, como nos ensinou o mestre Paulo Freire, dos estudantes brasileiros que têm realidades tão distintas quão distintos são seus territórios. Também propusemos atividades para um aprofundamento das consequências biológicas, subjetivas e sociais do uso de drogas – lícitas e ilícitas – e apresentamos a arte da grafitagem como expressão artística que expressa a intervenção urbana dos jovens de tantos lugares do país, dando-lhes vez e voz.

No próprio livro literário impresso temos os autores colocando a importância da obra no que toca à provocação de reflexões que tragam a possibilidade de mudança na escrita da história de muitos jovens brasileiros, com ressignificação da compressão dessa trajetória e da realidade social, tendo a arte como veículo dessa sensibilização, afinal, esse é seu maior propósito.

A seguir, comentários na avaliação sobre a obra:

> "[...] Portanto a obra DE QUEM É A CULPA? possui uma natureza polissêmica, pois, através de suas imagens poderosas e evocativas, oferece espaço para

múltiplas interpretações e reflexões, permitindo que cada leitor se conecte com a obra de maneira única e pessoal.
[...]
A polissemia aqui reside na capacidade do leitor de interpretar essas imagens de várias maneiras, refletindo sobre temas como redenção, esperança, ciclos de violência e a possibilidade de mudança.
Ambos os exemplos demonstram a capacidade da obra de transmitir múltiplos significados através de suas imagens, permitindo que os leitores interpretem e reflitam sobre elas de diversas maneiras, de acordo com suas próprias experiências e perspectivas."

"Em linhas gerais, a obra possui um potencial pedagógico para trabalhar em sala de aula e bibliotecas a realidade das periferias do Brasil, o tratamento midiático a respeito da criminalidade brasileira e o racismo estrutural que condiciona e ceifa a vida de milhares de pessoas negras brasileiras. A obra utiliza de uma linguagem poética para tratar do processo de criminalização, mas sem romantizar ou minimizar as dores dessa realidade, sendo um material rico para discussões e leituras individuais e coletiva."

"DE QUEM É A CULPA? aborda temáticas de relevância, como violência doméstica, a vida em ambientes marginalizados, e os desafios da adolescência, temas que são pertinentes para o público-alvo.
No LLI, p.9, a mãe parece sofrer com a raiva de um homem, indicando uma situação de violência doméstica. Já na página 10, estabelece-se um cenário de pobreza e escassez, com a geladeira vazia e sinais de drogas, refletindo as dificuldades da vida em ambiente marginalizados.
Tais temáticas, portanto, são relevantes para discussão e reflexão do público-alvo"

"DE QUEM É A CULPA? aborda questões contemporâneas como a violência, a marginalização, e os desafios da adolescência em contextos adversos, permitindo um diálogo profundo sobre esses temas [...]"

"O livro De quem é a culpa? faz uso dos recursos expressivos da linguagem visual para aprimorar a narrativa e a experiência de leitura. Dada a ausência de

linguagem verbal a obra se destaca por sua capacidade de comunicar histórias profundas e emocionantes exclusivamente através de imagens. Cada quadro é meticulosamente desenhado para capturar a essência e a complexidade dos cenários e personagens retratados. No que diz respeito à linguagem visual a obra utiliza uma combinação de cores, sombras, perspectivas e simbolismos para transmitir emoções, tensões e nuances da história. As ilustrações não apenas complementam a narrativa, mas são a própria narrativa guiando o leitor através de uma jornada visual que explora temas como marginalização, violência, esperança e redenção. Cada imagem é carregada de significado, desde os detalhes mais sutis, como a expressão facial de um personagem, até elementos mais óbvios, como a representação de ambientes e cenários. A obra desafia os leitores a interpretar e refletir sobre cada quadro, incentivando-os a mergulhar mais profundamente na história e a estabelecer conexões entre as imagens. A ausência de texto permite uma maior liberdade interpretativa, fazendo com que cada leitor tenha uma experiência única e pessoal com a obra. Dessa forma, DE QUEM É A CULPA? utiliza recursos expressivos da linguagem visual de **maneira excepcional** para criar uma experiência de leitura envolvente e impactante. A combinação de imagens detalhadas, simbolismos e narrativa visual permitem que os leitores se conectem profundamente com a história, refletindo sobre os desafios e realidades apresentados na obra.

Aqui estão dois exemplos que corroboram a resposta sobre a exploração dos recursos expressivos da linguagem visual na obra: LLI, p. 13: O menino é mostrado sentado em frente a uma escola municipal, indicando sua exclusão do sistema educacional tradicional. A ilustração final desta página revela o menino com uma expressão de raiva. Esta sequência de imagens destaca a capacidade da obra de comunicar situações complexas e emocionais sem o uso de palavras. A exclusão do menino do sistema educacional e sua subsequente frustração são claramente retratadas através das expressões faciais e do posicionamento do personagem; LLI. p. 29: Nesta página, o homem é retratado com traços demoníacos, como chifres, e porta um revólver na mão, exibindo uma expressão ameaçadora. Esta ilustração, em particular, destaca a habilidade do ilustrador em transmitir emoções e tensões através de detalhes visuais. A transformação do personagem de traços angelicais para demoníacos sugere uma mudança significativa em sua jornada, e o uso de chifres é um simbolismo poderoso que

indica sua transição para um caminho mais sombrio. A presença do revólver amplifica a sensação de perigo e imprevisibilidade.
Ambos os exemplos demonstram a habilidade do ilustrador em comunicar histórias profundas e emocionantes exclusivamente através de imagens. As ilustrações são meticulosamente desenhadas para capturar a essência e a complexidade dos cenários e personagens retratados, permitindo que os leitores interpretem e reflitam sobre cada quadro."

"A obra DE QUEM É A CULPA? busca promover o pluralismo de ideias, evitando qualquer forma de doutrinação, dogmatismo, reducionismo e anticientificismo. A narrativa, embora centrada em eventos específicos e personagens, não se limita a uma única interpretação ou perspectiva. Em vez disso, ela apresenta múltiplas facetas dos eventos e personagens, permitindo que os leitores explorem e formem suas próprias opiniões. [...]
Dessa forma, DE QUEM É A CULPA? pode ser visto como uma obra que, embora possa ter suas próprias inclinações, não se fecha em uma única visão ou interpretação. Ela valoriza o diálogo, a reflexão e o pluralismo de ideias, evitando o reducionismo e promovendo uma abordagem mais aberta e crítica dos temas que aborda."

"[...] Por exemplo, a sequência de imagens que retrata a vida em ambientes marginalizados pode ser interpretada como uma crítica social sobre as condições de vida nas favelas, ou como uma representação da resiliência e força dos indivíduos que vivem nessas circunstâncias. Da mesma forma, as representações visuais de violência e opressão podem ser vistas como comentários sobre a natureza humana, o sistema prisional, ou até mesmo sobre as estruturas de poder na sociedade."

"DE QUEM É A CULPA? apresenta informações paratextuais que são tanto relevantes quanto consistentes, e estão redigidas em uma linguagem apropriada para a faixa etária dos estudantes dos Anos finais. Estas informações paratextuais servem como uma ponte entre o leitor e a narrativa, oferecendo contexto e esclarecimento que enriquecem a experiência de leitura. A linguagem utilizada é clara e acessível, garantindo que os estudantes possam compreender facilmente o

conteúdo apresentado, sem simplificar demais ou subestimar sua capacidade de compreensão."

"De quem é a culpa? aborda temáticas de relevância, como violência doméstica, a vida em ambientes marginalizados, e os desafios da adolescência, temas que são pertinentes e relevantes para o público-alvo."

"DE QUEM É A CULPA? materializa a imagem como proposta artística de maneira profunda e impactante. Nos livros de imagem, histórias em quadrinhos, a narrativa visual é central para a experiência de leitura, e essa obra exemplifica isso perfeitamente. Cada quadro da história é meticulosamente desenhado para transmitir emoções, tensões e nuances da trama [...]"

"[...] A obra retrata questões como busca por identidade, desejo de pertencimento, e os desafios de tomar decisões em um ambiente adverso. Além disso, a representação do protagonista e sua interação com o mundo ao seu redor reflete os desafios e realidades de muitos jovens em contextos similares. Portanto, DE QUEM É A CULPA? se alinha com os temas propostos no edital e oferece uma perspectiva profunda e sensível sobre os conflitos da adolescência em um contexto específico.
[...]
a obra aborda temas especificados no edital, como conflitos da adolescência, as relações familiares e a realidade social de comunidades marginalizadas."

"LLI. p. 2 e 23: As duas páginas se entrelaçam, mostrando que o jovem vai sair da prisão com uma tornozeleira. A primeira imagem, na página 22. mostra metade do rosto deste jovem representado com um chifre, e com o olho roxo, provavelmente pela violência que sofreu dentro da prisão. Já na página 23, a outra metade do seu rosto é representada com um sorriso, enquanto, ao fundo, vê-se aquela jovem negra, grávida, pra fora de sua casa, na favela, regando as plantas. A representação do bebê que ela carrega é novamente feita a partir da auréola e das asas, representando sua inocência. Estas páginas mostram a dualidade do personagem principal. Por um lado, ele carrega as marcas e traumas de sua passagem pela prisão, representados pelo chifre e pelo olho roxo. Por outro, ele também tem

esperança e alegria, simbolizadas pelo seu sorriso e pela imagem da jovem grávida. A polissemia aqui reside na capacidade do leitor de interpretar essas imagens de várias maneiras, refletindo sobre temas como redenção, esperança, ciclos de violência e a possibilidade de mudança."

"O manual traz sugestões de atividades que incentivam os estudantes a investigarem, questionar e debater temas contemporâneos e relevantes, utilizando dados e informações provenientes de fontes confiáveis e científicas. Por exemplo, pode haver uma atividade que oriente os alunos a pesquisarem e discutir as causas e consequências da violência urbana, baseando-se em estudos sociológicos e estatísticas oficiais.
Além disso, o Livro do Professor destaca a importância da argumentação lógica e bem fundamentada, oferecendo dicas e estratégias para os educadores ensinarem os alunos a construírem argumentos sólidos e refutar falácias. Isso é essencial para preparar os estudantes para participarem ativamente de debates e discussões, promovendo o respeito mútuo, a escuta ativa e a construção coletiva do conhecimento. [...]
Em resumo, o Livro do Professor de DE QUEM É A CULPA? é uma ferramenta valiosa que promove práticas pedagógicas centradas na argumentação fundamentada, na construção da cidadania e no fortalecimento dos valores democráticos e republicanos. Ele serve como guia para os educadores, ajudando-os a explorar as temáticas da obra de forma **profunda e significativa**, e a criar um ambiente de aprendizado crítico, reflexivo e engajado."

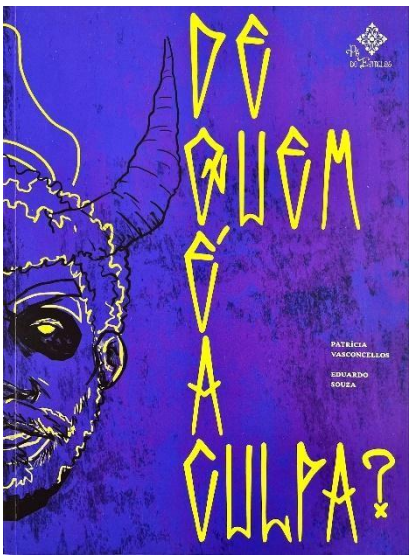
"A obra DE QUEM É A CULPA? não está completamente isenta de imagens e textos que contenham representações de violência. Contudo é **crucial** entender que **as representações de violência presentes na obra são contextualizadas e possuem uma justificativa pedagógica clara**. A obra busca retratar a realidade de certos contextos sociais, e a inclusão dessas imagens e textos com o intuito de **gerar reflexão e discussão** sobre temas relevantes e atuais.
Por exemplo, a representação da violência policial e as consequências dessa violência na comunidade são abordadas na obra para destacar a complexidade e a gravidade dessas questões na sociedade brasileira contemporânea. Essas representações não são gratuitas ou sensacionalistas, mas sim **cuidadosamente**

escolhidas para servir como ponto de partida para discussões pedagógicas sobre direitos humanos, justiça social e cidadania.(...)
Portanto, enquanto **DE QUEM É A CULPA? inclui representações de violência estas são contextualizadas e possuem uma justificativa pedagógica clara, alinhada com o objetivo da obra de promover a compreensão crítica e a discussão sobre temas sociais relevantes**."

No Material de Apoio ao professor apresentamos a especificidade da obra ser narrada apenas através de imagens, sem o recurso do uso da palavra escrita:
DE QUEM É A CULPA? apresenta a narrativa através da História em Quadrinho, gênero literário com linguagem específica. Há um argumento/roteiro e, a partir dele, ocorre a criação das imagens. Um quadrinho após o outro, distribuídos sequencialmente página a página, vão revelando a história. A obra aqui apresentada é um livro-imagem, sem texto, e o autor da narrativa visual buscou alternativas para superar a ausência dos textos nos balões característicos das HQ e transpôs para as imagens apresentadas o que poderia estar escrito em muitas e muitas palavras – uma descrição do medo da violência doméstica é contada através da imagem do olhar de pânico do personagem, a passagem do tempo é revelada pelo crescimento de uma árvore. Além das características específicas das HQ e dos livros-imagem, há elementos que só se encontram nos bons livros ilustrados, como contagem do tempo do relógio sendo representada pela mesma sequência de quadrinhos se reproduzindo em tamanhos cada vez menores. Sutilezas que não são percebidas numa primeira leitura e que fazem de um livro uma obra de arte. Toda a narrativa da obra é apresentada através de imagens e, como aborda temas sensíveis e fraturantes - violência, uso de drogas, criminalidade - traz desenhos que simbolicamente representam estes conceitos. Ressaltamos, mais uma vez, que a obra tem a intenção deliberada de valorizar o ECA e de provocar reflexão sobre o uso de drogas, lícitas e ilícitas, como podemos observar nas ATIVIDADES propostas no material de apoio ao professor.

ANEXO 3 – RESENHA AFETIVA

Patrícia Vasconcellos – Resenha afetiva



DE QUEM É A CULPA?, de Patrícia Vasconcellos (roteiro), Eduardo Souza (ilustrações)
Editora: Pó de Estrelas (2022); 40 p., 20 X 27 cm

História em Quadrinhos (HQ);
livro imagem;
livro ilustrado

DE QUEM É A CULPA? é um livro que se lê várias vezes. Não dá para mergulhar fundo nos detalhes, nas mensagens escondidas nas simbologias, na intertextualidade, só numa primeira leitura. Algumas pessoas o definem como "um soco no estômago". Talvez, por isso, não seria um livro para infância, se considerarmos um contexto social da classe média, onde o roteiro da narrativa a colocaria como espectadora. Porém, a partir do lugar de livro para infânciaS, a história poderá ser espelho do cotidiano de muitas crianças no Brasil, sendo um potente lugar de ressignificação de realidades tão dolorosas e cotidianas.

Já na capa percebemos a tipografia característica da grafitagem e das pixações em muros e paredes das comunidades urbanas. Há algo que precisa ser denunciado, reivindicado, revelado. Na imagem, um rosto com um chifre. Qual o significado? Sugere-se, assim, que aqui haverá simbologias, arquétipos e que o livro, enquanto objeto, foi criado por quem o considera como um importante narrador.

Começamos a história, todas as imagens são em p&b, com quadrinhos apresentando cenários e personagens em ambiente acolhedor. Aos poucos, a violência doméstica se instala, a escassez se manifesta, a fuga para as ruas é a saída encontrada. Porém, não há acolhimento e as asas, simbologia para o Bem, paulatinamente transformam-se em chifres, o Mal. O coração ganha espinhos, registrando a dor da exclusão, do medo, da solidão. Drogas e violência se misturam com a esperança de uma vida comum. Inevitável a prisão, um tempo fora do tempo na cadeia – ilustrado em técnica inspirada

em Shaun Tan, onde a mesma cena é reproduzida em tamanhos menores na página. A saída, a possibilidade de novos recomeços, asas e chifres oscilando para representar a condição humana de Bem/Mal. Mais uma tragédia, mais uma posição de revolta. Violência. Morte. Seria mais um "corpo estendido no chão"? A imagem final nos convida para uma outra possibilidade: a redenção. E a pergunta surge de forma visceral: DE QUEM É A CULPA?

Tudo narrado com imagens. Nenhuma palavra escrita. A história se construindo bem dentro da pessoa que tem o livro nas mãos. Não é fácil virar as páginas, encarar a próxima cena. Dói, o coração aperta, a respiração ofega. E eu com isso?, pergunta que surge, que grita.

Patrícia, a autora do roteiro, revela que a história é inspirada na vida real de alguém que conhece e que pertence ao seu círculo de afetos e que ter acompanhado sua trajetória a impossibilitou de julgamentos. Perguntou-se, então:

- O que acontece na vida de uma pessoa para que do lugar social de "criança cheia de esperança para um futuro feliz" chegue ao lugar social de "bandido bom é bandido morto"? DE QUEM É A CULPA?

Eduardo, autor das ilustrações, desnuda-se ao revelar que precisou de um ritual de proteção para criar as imagens, socorrendo-se no álbum Sobrevivendo ao Inferno, do Racionais MC's. Anjos e demônios, arquetipicamente representados para refletir nossa realidade interna. E a social? Responde então com a esperança de que esse seu trabalho, essa HQ, sirva para questionar o contexto social no qual estamos inseridos e, juntos, mudarmos essa situação.

Patrícia e Eduardo entendem que a Arte serve a um propósito maior: tirar-nos do lugar comum, da zona de conforto. E conseguiram futucar leitores e leitoras com sua obra. Sim, é mesmo um "soco no estômago".